



FACULDADE DE DESENVOLVIMENTO RURAL
INSTITUTO AMAZÔNICO DE AGRICULTURA FAMILIAR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

BARBARA MARQUES DE SOUZA

**CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ASSOCIADA AO
SUBPRODUTO DE "GRUDE" NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE PIRABAS,
NORDESTE PARAENSE**

BELÉM – PA

2023

BARBARA MARQUES DE SOUZA

**CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ASSOCIADA AO
SUBPRODUTO DE "GRUDE" NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE PIRABAS,
NORDESTE PARAENSE**

**Trabalho de Conclusão do Curso
de Bacharelado em
Desenvolvimento Rural, pela
Universidade Federal do Pará e
Instituto Amazônico de
Agriculturas Familiares - Ineaf
para Obtenção de Título de
Bacharel em Desenvolvimento
Rural**

**Orientadora: Prof^ª. Dra. Carina
Catiana Foppa**

**Co-Orientador: Prof^º. Dr. Flávio
Bezerra Barros**

BELÉM – PA

2023

BARBARA MARQUES DE SOUZA

**CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ASSOCIADA AO
SUBPRODUTO DE "GRUDE" NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE PIRABAS,
NORDESTE PARAENSE**

Trabalho julgado para a obtenção de Graduação do Curso Bacharelado em
Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará,

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carina Catiana Foppa. (Orientadora)
Afiliação: UFPR

Prof. Dr Flávio Bezerra Barros (Co-Orientador)
Afiliação: UFPA

Prof. Ms. Iná Camila Ramos Favacho (1º Membro Interno)

Prof. Dr. Thomas Ludewigs (2º Membro Interno)

Prof. Dr. William Santos de Assis (3º Membro Interno)

**BELÉM – PA
2023**

Na simplicidade da pesca artesanal, encontramos a essência de São João de Pirabas. Nas práticas modestas da pesca artesanal, descobrimos o verdadeiro coração do nordeste paraense, onde a tradição e a comunidade pesqueira se entrelaçam” (Barbara Marques de Souza).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, minha profunda gratidão por me conceder a oportunidade de viver todos os dias neste mundo. Sem Ele, nada seria possível, pois foi Ele quem me deu o Dom da vida. Mesmo diante das inúmeras dificuldades que enfrentei na infância devido a problemas de saúde, Deus me deu a oportunidade de crescer e tentar construir uma nova direção, moldando uma história diferente para minha vida.

Quero agradecer à minha família, que sempre esteve ao meu lado oferecendo apoio emocional e encorajamento, ao meu avô, Domingos de Melo, que foi muito importante para que eu conseguisse me manter nos primeiros anos de minha faculdade, minhas tias Valquíria Marques e Nazaré de Melo que sempre estavam dispostas pelo incentivo da minha caminhada como estudante, por todo esforço para que eu pudesse chegar até aqui. Ao meu esposo e companheiro Carlos Eduardo Moura, pois nunca medi esforços para facilitar a logística e me levar para a cidade onde foi meu objeto de pesquisa.

Jamais eu poderia deixar de expressar a maior gratidão do mundo à minha mãe. Ela ofereceu um apoio inestimável ao abrir mão de seu trabalho para cuidar dos meus filhos Alawara e Homero, em tempo integral, permitindo que eu pudesse estudar. Minha mãe foi meu braço direito, minha fonte de força, apoio, paciência e fé em mim. Ela é minha maior inspiração de vida e esteve ao meu lado nos melhores e piores momentos, sendo o meu alicerce sólido da minha jornada acadêmica, sonhando todos os dias comigo.

É importante destacar a influência significativa que a minha avó materna, Celina Marques, natural de Peixe-boi, Pará e reside há muitos anos no município de Primavera, teve em minha vida e crescimento. Sendo uma agricultora desde jovem, ela desempenhou um papel fundamental ao me ensinar a pescar e a cultivar feijão quando eu tinha apenas 10 anos de idade. De forma indireta, ela enriqueceu meu conhecimento para toda a vida com sua sabedoria como agricultora e sua herança como descendente de indígenas e quilombolas.

Agradeço aos meus amigos e colegas de classe que compartilharam ideias, discutiram conceitos e proporcionaram um ambiente de aprendizado colaborativo. A comunidade Quilombola África e Laranjituba, especialmente a família da Dona. Raimunda (preta), por terem me recebido de braços abertos e proporcionado momentos únicos sobre o seu modo de vida e tradições, suas contribuições foram inestimáveis. Sou profundamente grata pelo local onde tive a oportunidade de aprender com eles durante o estágio de vivência I, II e III, vivenciando seus costumes, hábitos tradicionais,

conhecendo um pouco sobre a agricultura, pesca, sua rica cultura e suas profundas raízes quilombolas.

Quero agradecer à minha orientadora, Prof. A Dra. Carina Foppa e ao Prof. Dr. Flávio Barros, pela orientação dedicada, pela paciência e pelo conhecimento compartilhado. Sua orientação foi fundamental para o sucesso deste trabalho. A todos os docentes do Ineaf, que contribuíram para a minha formação durante a graduação.

Além disso, gostaria de estender a minha sincera gratidão aos pescadores artesanais e aos atores fundamentais que compõem a cadeia produtiva do pescado em São João de Pirabas. Sem a colaboração deles, tudo o que está escrito até aqui não teria sido possível, uma vez que eles representam a verdadeira biblioteca de sabedoria tradicional da vida.

Gratidão!

RESUMO

O presente trabalho concentra-se na análise da cadeia produtiva da pesca no município de São João de Pirabas, localizado no estado do Pará, nordeste paraense. O estudo aborda as práticas da pesca nas águas do litoral da região do salgado e analisou as dinâmicas que envolvem o beneficiamento e a comercialização do subproduto de grude, as espécies alvos associadas, destacando as características dos petrechos e os atores envolvidos na cadeia produtiva. A metodologia incluiu entrevistas, observação de campo e análise documental exploratória. Os resultados indicaram a diversificação de pescarias e que existem atividades associadas à cadeia produtiva para manter os modos de vida, como a comercialização de subprodutos da pesca. A pesquisa buscou contribuir para uma compreensão das relações que envolvem a comercialização do grude e a atividade pesqueira artesanal e compreender os aspectos culturais e ancestrais da atividade pesqueira das comunidades locais.

Palavras-Chave: Bexiga natatória, pesca artesanal, Amazônia.

ABSTRACT

This work focuses on the analysis of the fishing production chain in the municipality of São João de Pirabas, located in the state of Pará, northeast of Pará. The study addresses fishing practices in the coastal waters of the Salgado region and analyzed the dynamics involving the processing and commercialization of the sticky by-product, the associated target species, highlighting the characteristics of the gear and the actors involved in the production chain. The methodology included interviews, field observation and exploratory documentary analysis. The results indicated the diversification of fisheries and that there are activities associated with the production chain to maintain ways of life, such as the commercialization of fishing by-products. The research sought to contribute to an understanding of the relationships involving the marketing of glue and artisanal fishing activity and to understand the cultural and ancestral aspects of fishing activity in local communities.

Keyword: Swim bladder, artisanal fishing, Amazon.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do município de São João de Pirabas no Litoral Paraense	25
Figura 2 - Área de estudo: espaço utilizados para pesquisa e entrevistas com os principais atores da cadeia produtiva	25
Figura 3 - A alma da pesca artesanal de São João, uma história de amor e tradição	30
Figura 4 - São João de Pirabas, letreiro de identificação da cultura da pesca na região.....	32
Figura 5 - Histórico de comercialização do subproduto de Barbatana de tubarão e do Grude do pescado	33
Figura 6 - Placa do Mercado Municipal da cidade, fortalecimento comercial do pescadores e comerciantes	35
Figura 7 - Um dos modelos de embarcações de pescadores artesanal	36
Figura 8 - Localização do território escolhido por pescadores para a captura de espécies do pescado	37
Figura 9 - Petrechos utilizados para a pesca, rede de malha fina.....	39
Figura 10 - Rede fina, apetrechos comum utilizados por pescadores da região do nordeste paraense	39
Figura 11 - Armadilha fixa denominada de "curral" do tipo espia.	40
Figura 12 - Espinhel de superfície.	42
Figura 13 - Espinhel utilizado por pescadores artesanais de São João de Pirabas	43
Figura 14 - Rede de relações: a interconexão dos espaços na Rotina dos Pescadores Artesanais	43
Figura 15 - Curral dos pescadores artesanais, próximas ao trapiche.....	45
Figura 16 - Embarcações no Rio Pirabas, local de embarque e desembarque	47
Figura 17 - Navegando na pesca pirabense	48
Figura 18 - Comerciante retirando a bexiga natatória do peixe Uritinga, uma das espécies de comercialização do grude.....	53
Figura 19 - Comerciante confirmando para os clientes que o peixe está fresco, e a bexiga natatória como atrativo	55
Figura 20 - Bexiga natatória do peixe Uritinga sobre a tela no processo de secagem	56
Figura 21 - Pescador artesanal Raylson dias, com a espécie pescada-amarela	58
Figura 22 - Bexiga natatória da espécie Tachysurus grandicassis	59
Figura 23 - Bexiga natatória sobre a tela, observam-se algumas bexigas escuras que não podem ser comercializadas devido a serem consideradas perdas.	60
Figura 24 - Processo da cadeia produtiva de comercialização do grude	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos pescadores artesanais em São João de Pirabas

Tabela 2 - Quantidade de dias que ficam ao sol, os fatores climáticos e o que influencia na secagem do subproduto

Tabela 3 - Destinação da “Grude” e suas finalidades

Tabela 4 - Espécies comercializadas e com valor atribuído para a comercialização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	19
3 OBJETIVOS	22
3.1 Objetivo Geral	22
3.2 Objetivos específicos	22
4 METODOLOGIA	23
4.1 ÁREA DE ESTUDO	24
4.2 Etapas	26
4.3 LIMITAÇÕES DE PESQUISA	27
5 CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO DO SABER PESQUEIRO: A Profunda Relação dos Pescadores Artesanais Pirabenses com a Pesca	28
6. RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
6.1 HISTÓRICO E INÍCIO DA RELAÇÃO COM O SUBPRODUTO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE PIRABAS	31
6.2 Pesca artesanal em São João de Pirabas	35
6.2.1 Locais de pesca	37
6.2.2 Petrechos e métodos utilizados	38
6.3 Desafios e mudanças na perspectivas dos pescadores artesanais	45
6.4 O subproduto do grude e a cadeia produtiva associado à pesca artesanal em São João de Pirabas	49
6.4.1 Perfil dos pescadores	51
6.4.2 Processamento e beneficiamento do Grude	53
6.4.3 Comercialização e distribuição da Cadeia produtiva	60
6.4.3 Espécies, preço e negociação	65
6.4.4 Negociação e o atravessador	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
6 REFERÊNCIAS	75
APÊNDICES	79
APÊNDICE I	80
APÊNDICE II	81
APÊNDICE III	82
APÊNDICE IV	83
APÊNDICE V	89
APÊNDICE VI	90

BREVE MEMORIAL DE VIDA

De acordo com Ecléa Bosi (1995, p. 55), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.”

Venho, através deste memorial, demonstrar um pouco da narrativa da minha história de vida para melhor compreensão do processo da pesquisa. Esta história está intimamente interligada com este trabalho, não sendo apenas mais um trabalho de conclusão de curso, mas uma questão de identificação com a herança familiar. Durante toda a minha trajetória escolar, desde o ensino primário até o secundário, nunca precisei ser lembrada por minha mãe para me dedicar aos estudos. Sempre me esforcei ao máximo como filha, buscando ser um exemplo diante das dificuldades que testemunhava: por ver a minha mãe trabalhando duro como empregada doméstica, vinda do interior de Peixeboi, cheia de cicatrizes e traumas.

Por volta de 12 anos de idade, almejava estudar em uma universidade Federal, mesmo sabendo que, na época, parecia um ambiente de destaque para os filhos de famílias com poder aquisitivo maior. Apesar das adversidades, minha mãe sempre incentivou meu sonho, garantindo que faria o possível para proporcionar as oportunidades que ela não teve. Com determinação, superei desafios de saúde por ser uma criança com limitações pulmonares, tendo essa condição perdurado por boa parte da minha vida. Mesmo assim, mantive uma disciplina escolar constante, alimentando o desejo de alcançar a universidade que um dia visualizei em minha mente. Através das Políticas de Ação Afirmativa (Brasil, 2003) consegui dar um passo em direção a um novo rumo na minha vida.

Para uma moradora das palafitas do Rio Tucunduba, isso parecia difícil, mas mentalizei que não seria impossível. Estou desconstruindo uma narrativa de um ambiente marcado por criminalidade e drogas no qual cresci, construindo novos sonhos. No ano de 2010, perdi meu pai, para o mundo da criminalidade, infelizmente, ele era o “chefe” do tráfico no bairro do Guamá. Por outro lado, enquanto meu irmão, após largar a sua carreira de jogador de futebol, também entrou para o mundo da criminalidade e tudo isso me fez ver o quanto eu poderia fazer a diferença na vida dos que me cercavam. Ao refletir criticamente sobre toda a trajetória de vida e a realidade em que cresci, percebi que minha identificação com as práticas ruins do local não condizia com minha essência, mas que assim como todo o local que cresci reconheço a importância de momentos bons. Com

outra perspectiva de vida, decidi trilhar um caminho por ser a primeira da minha família a ingressar em uma Universidade Federal. Aliás, para minha mãe era uma questão de honra eu ingressar na UFPA

Aos poucos, meus primos se espelham em mim, buscando novos rumos. Não negamos nossas origens porque elas são as raízes da minha história, mas entendemos que podemos construir novas narrativas com perspectivas diferentes daquelas em que fomos inseridos pelo ambiente onde fomos criados. Minha família é originária do interior, município de Peixe-boi, Pará, nordeste paraense. Aos 13 anos de idade, tive a oportunidade de aprender práticas valiosas com a minha avó Celina. Ela, carinhosamente, fez questão de proporcionar ensinamentos essenciais, como pescar, plantar feijão, colher e ralar mandioca. Através desses momentos, pudemos adquirir habilidades práticas, mas também absorver valores importantes transmitidos por gerações em nossa família.

Atualmente, minha avó mora em Primavera, no nordeste paraense, a cerca de 55 km do município de origem. Essa mudança não a fez perder alguns hábitos e costumes. Minha infância estava centrada na cidade, na casa da avó Celina e no hospital, mas meu bem-estar máximo encontrava-se no interior. Em Primavera, tive a oportunidade de plantar e colher feijão da colônia, ou feijão caupi, na roça. Com meus três primos, começamos o dia às 6 da manhã, cada um com uma bicicleta, para acompanhar meu avô nas atividades agrícolas. Participamos da capina e colheita do feijão da colônia. Nosso almoço consistia em chibés com peixe salgado, ocasionalmente chibé com camarão, carne de sal, peixe assado na brasa, ou até mesmo chibé com arraia, preferência da minha avó Celina.

Um hábito regular era ir para o igarapé próximo da casa da vovó pela manhã para pescar com anzol. Nós, eu e meus três primos, Marcos, Arthur e Larissa, começamos com anzol e depois aprendemos a pescar com garrafa de 51, usando farinha como isca. Conhecemos outros métodos de pesca, ensinados por crianças locais e, principalmente, por Maria, mulher de pescador, amiga e vizinha da minha avó, praticamente parte da família. Essas experiências moldaram minha infância e continuam a fazer parte da minha história de vida. Ao escrever este trabalho, tudo começou a fazer sentido, representando o fortalecimento da minha essência como descendente da minha avó Celina.

Desde a infância, minha avó materna, Celina, desempenhou um papel fundamental ao me ensinar as práticas ligadas à pesca e o extrativismo, ela dedicava seu tempo a nos ensinar como retirar caranguejos do mangue e nos instruiu em diversas atividades relacionadas à pesca. Sim, nós tivemos a oportunidade de extrair caranguejo

na área de mangue cerca de aproximadamente 5 km de Primavera no sentido do município de Quatipuru.

Na divisa desses dois municípios, tivemos a primeira experiência de extrair o caranguejo para servir de alimento, para o almoço e, o possível, a janta. E essa experiência foi tão significativa que eu quase tenho meu dedo decepado por um caranguejo. Ficamos das 6 às 11 da manhã extraindo o caranguejo, com as bicicletas a caminho de casa a satisfação de comer o que conseguimos extrair da natureza. Nessa época eu tinha cerca de 13 anos. Foi algo surreal, essa prática para nós era como se fosse uma diversão, mas tudo não se passava de uma tradição praticada pelas nossas mães, ou seja, estávamos reproduzindo nossas práticas de tradição familiar da Família Marques.

Como dizia a minha avó Celi

“meu pai era preto dos olhos claros, filho de índio e negro, cabelo crespo e minha mãe era a coisa mais linda, cabelo liso, a índia mais bonita, eu nasci desse jeito meio índia e meio preta. E por isso que vocês são escuros que nem os bisavós de vocês!” Eu só tenho neto bonito e vocês são igual a avó de vocês aqui, bonitona”.

Teve uma época, minha avó se separou de meu avô Domingo e tinha um novo companheiro, um pescador chamado Luís. Lembro-me de um momento especial em que todos da casa, incluindo tios, tias e mãe, acordavam antes do nascer do sol para pegar três canoas e pescar na praia Boa Vista. Naquela região, era comum avistar botos. Enquanto os adultos remavam, as crianças ficaram abaixadas na canoa. Minha avó costumava dizer que os botos gostavam de crianças, mas era apenas uma estratégia para nos manter quietos nas canoas, porque os botos com suas nadadeiras batiam nas canoas e ficamos gritando de medo.

Com o tempo, descobri que era a forma que eles utilizavam para manter a gente quieto na canoa e paramos de gritar. A rede e o curral eram práticas comuns utilizadas pelo Luís, inclusive, nossa ida ocorreu para conhecermos o local de trabalho dele e ajudá-lo a retirar os peixes que estavam no curral. Recordo que o meu tio Benedito -“dotor”-, jogando a rede sobre o mar de água salgada, e nós ficamos quietinhos brincando na areia, sem contar um momento divertido da areia movediça, em que ela sugava nossos pés quando pisamos era incrível, pois esses momentos aos poucos foram moldando uma identidade enquanto ser social

No ano de 2018, quando entrei no curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural, encontrei uma conexão de vida. Aos poucos, auxiliada pelo objetivo do curso e suas relações com os povos e comunidades tradicionais, busquei examinar essas relações entre minhas famílias: a de Peixe-boi e Primavera. As três vivências de campo nas comunidades Quilombolas África e Laranjituba/Abaetetuba, consistiram em momentos únicos de aprendizagem, processo importantíssimo para a minha formação acadêmica.

Assim, a minha conexão com o tema deste trabalho possui raízes profundas e está intimamente ligada à experiência de vida, mas, para chegar ao tema desta pesquisa, as atividades que desenvolvi ao longo do ano de 2022 tiveram grande relevância. Durante esse período, eu estava em um trabalho que consistia na venda de perfumes importados, e foi através dessa atividade que meu primeiro contato com o “grude” aconteceu. Em setembro de 2022, com um olhar curioso e movido por uma série de perguntas, comecei a investigar o subproduto “grude” de forma involuntária. Sem eu perceber, gravei essas imagens e as guardei em minha memória. Meses depois, em fevereiro de 2023, enquanto revia algumas fotografias, deparei-me com o registro feito no ano anterior. Esse reencontro com as imagens despertou um interesse e curiosidade em mim.

Essa experiência teve um impacto tão significativo que, naquela noite, tive um sonho intrigante no qual senti uma forte vontade de escrever sobre o “grude”. Esse sonho causou inquietação e insônia, mas também impulsionou a minha determinação em discorrer sobre esse tema que, de alguma forma, havia se tornado uma parte essencial da minha narrativa.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa concentra-se na análise e caracterização da cadeia produtiva da pesca associada ao grude, no município de São João de Pirabas, situado no estado do Pará, Brasil. A população do local de pesquisa, conforme os dados do IBGE de 2021, é de 23.440 habitantes, situando-se a aproximadamente 200 km de Belém, com um tempo de viagem de cerca de 3 horas. Este estudo aborda a prática da pesca no litoral do nordeste paraense, na qual os pescadores utilizam pequenas embarcações e uma variedade de petrechos como instrumentos para a captura do pescado.

A pesca desempenha um papel significativo na economia da região do salgado, envolvendo diversos atores e agregando valor a uma parcela específica da força de trabalho local. A atividade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento econômico local, promovendo estratégias relacionadas aos produtos da pesca e seus subprodutos, gerando renda e fortalecendo os modos de vida associados à pesca

Furtado (1981), em todo o Estado do Pará pratica-se a atividade pesqueira com um caráter marcadamente artesanal com vista à subsistência e à comercialização. Na maioria dos municípios das zonas de pesca que oferecem maior produção, o produto da pesca chega a integrar-se nos fluxos de comercialização.

A pesca e a atividade central de comercialização na região do nordeste paraense, abrange diversas formas de aproveitar os recursos pesqueiros, bem como seus subprodutos associados, pois, muitos deles, são destinados à atividade de beneficiamento para exportação. Consegui a informação, com base nos depoimentos dos pescadores entrevistados, de que na região existe um histórico de exploração e comercialização de barbatanas de tubarão. Após a “extinção” de tal atividade, que antecede o grude, iniciou-se a exportação do subproduto do pescado, o que proporcionou uma lucratividade maior para região, vista por eles como uma boa alternativa para ganhar dinheiro sem diminuir os estoques pesqueiros.

O objetivo da pesquisa, contudo, foi aprofundar a compreensão das dinâmicas envolvida na pesca artesanal e as técnicas de apetrechos utilizados para a execução da atividade da pesca no município. Pretendemos compreender a pesca e a relação de pescadores que utilizam instrumentos de captura como alguém que possui um profundo entendimento das particularidades ancestrais e tradicionais associadas à sua arte pesqueira. Os pescadores da região reforçam que a pesca artesanal envolve saberes

transmitidos de geração em geração, juntamente com técnicas específicas, bem como uma série de subjetividades que se desenvolvem diariamente a partir da prática.

Neste contexto, objetivou-se compreender a dinâmica da pesca artesanal, como as espécies alvo para a comercialização do subproduto e atores sociais que compõem a cadeia produtiva desta atividade. Por esse motivo, a pesca artesanal na Amazônia sempre desempenhou um papel de extrema importância para a alimentação dos povos locais, que dependem dos recursos naturais pesqueiros para garantir o sustento, além da comercialização. Por ser considerada uma prática milenar, os pescadores artesanais usam estratégias para garantir a segurança alimentar e identidade cultural, ou seja, seus modos de vida.

A pesca artesanal desempenha um papel fundamental na vida econômica, social e cultural dos pescadores artesanais, pois eles conduzem essa atividade de forma sustentável pensando sempre nas próximas gerações. O grude, um subproduto da pesca, é diretamente associado a uma atividade de grande valor comercial, sendo um produto de destaque na exportação. De acordo com José Veríssimo (1985, p.174) as atividades e exploração do grude da Gurijuba, ocorrem desde 1885, e já existia exportação do subproduto.

Esta pesquisa propôs uma reflexão sobre a complexidade da relação entre sustentabilidade, meio ambiente e atividades da pesca na região e como a pesca artesanal se modificou ao longo do ano, introduzindo a bexiga natatória (grude) como um subproduto de grande valor comercial. De acordo Medeiros (2019), o grude tem como origem a bexiga natatória do peixe, a vesícula gasosa, que é constituída pelo órgão que auxilia os peixes ósseos a manterem-se em determinada profundidade, realizando o controle da sua densidade em relação à água. Este órgão fica situado na frente do aparelho digestivo e ligado ao esôfago, se enche com uma mistura de nitrogênio, oxigênio e gás carbônico

O subproduto da pesca, o grude do peixe, está diretamente associado a uma atividade com grande valor comercial, mas é considerado um produto super privilegiado ao valor comercial para exportação, com isso a pesca e o grude estão diretamente interligados. A base da cadeia produtiva, o segmento da produção de pescado, envolve as empresas de pesca industrial e, em maior proporção, os pescadores artesanais. Esse é o segmento que mais absorve mão-de-obra na cadeia, sendo, também, responsável pela exploração dos estoques pesqueiros de espécies variadas utilizadas para o abastecimento alimentar das famílias e comercialização em diferentes canais (Santos, 2005).

Reconhecendo a complexidade que envolve tanto a pesca artesanal quanto a industrial, incluindo disputas territoriais relacionadas à atividade pesqueira, é relevante ressaltar que o foco primordial deste trabalho foi a caracterização da cadeia produtiva associada ao subproduto de grude, com foco na pesca artesanal na região do salgado Paraense. O intuito não foi aprofundar nas dinâmicas entre pesca industrial e artesanal, uma vez que os dados necessários para essa análise não foram o foco durante o trabalho de campo.

No processo de pesquisa que vivenciei, com base em relatos dos pescadores artesanais, expressando suas preocupações em relação à presença de embarcações maiores e ao excesso de pescadores, enfatizando que isso poderia influenciar na diminuição dos estoques dos recursos pesqueiros. No entanto, é relevante destacar que não foi o objetivo deste estudo aprofundar essas relações.

Em suma, a vulnerabilidade, os desafios de segurança e as complexidades que permeiam a cadeia produtiva do subproduto de pesca, proporcionando uma compreensão mais profunda das questões enfrentadas pelos envolvidos nessa atividade que vai muito além do que achamos e pensamos.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

A questão central que direciona este estudo baseia-se em uma pesquisa exploratória, uma vez que existem desafios a serem investigados em relação ao objetivo de pesquisa. Isso ocorre devido ao fato de que, embora a atividade de processamento do grude seja explorada há anos na região, é um tema pouco conhecido, e aqueles que têm conhecimento evitam compartilhar detalhes mais profundos sobre a atividade.

Ferreira e Greice (2022), explorar a contextualização do trabalho infantil no mercado do grude do peixe, abordam os questionamentos que cercam essa cadeia de comercialização, frequentemente referida qual a destinação para o subproduto como "ouro marítimo" é tão valioso.

“O mercado da grude ainda é pouco conhecido, momento em que surgem muitas dúvidas sobre a verdadeira finalidade dessa substância: sobre a verdadeira finalidade dessas substância: “A grude é usada para fazer cola ou plásticos ? Talvez seja para produtos de beleza? “É um afrodisíaco? Quem pagaria tanto por comida ? Quem está familiarizado com o comércio sabe que os preços das bexigas natatórias dos peixes machos e fêmeas são diferentes e que os dos machos valem mais (Ferreira e Carneiro, 2022).

Diante da relevância da pesca como atividade econômica nas tradições amazônicas tradicionais na região do nordeste paraense e do potencial econômico do processamento do grude como subproduto de alto valor para exportação, como conciliar a escassez de estudos e informações sobre a cadeia produtiva do grude. Como o conhecimento, tradições de outras gerações podem influenciar na gestão sustentável desses recursos, mesmo quando a atividade de processamento do grude permanece envolta em mistério devido à falta de divulgação de informações da atividade por não ser muito conhecida pela sociedade.

Nesse contexto, falar sobre a pouca exploração sobre a cadeia produtiva do grude na região, assim como a importância da sustentabilidade e do desenvolvimento dos recursos pesqueiros e como o conhecimento e a cultura dos pescadores artesanais e atravessadores podem desempenhar um papel fundamental nesse cenário. Podemos destacar a complexidade do tema e a necessidade de investigar questões pouco exploradas devido à falta de divulgação e de informações realizadas sobre a atividade de processamento do grude.

As condições físico-geográficas da região Amazônica oferecem oportunidade para diversos tipos de atividade pesqueira. A variedade de mananciais piscosas – rios, igarapés, lagos, paranás, fozes de rios e orla marítima- foram determinados contextos – o fluvial, ou lacustre e o marítimo – que são os manipuladores pela população do meio rural no sentido de obter sua subsistência e para fins de comercialização, ou, em outras palavras, constituem meios de produção de certos segmentos sociais amazônicos (Furtado, 1981, p.1).

Há algumas centenas de anos, o mercado internacional comercializa um subproduto da bexiga natatória de alguns peixes que consiste basicamente em colágeno – o isinglass – fornecido como pó fino, pasta ou líquido altamente viscoso para a indústria (Hickman et al, 2000).

O termo “grude” provavelmente se refere às características e texturas, pois se refere a algo viscoso e pegajoso, é uma substância viscosa e que gruda facilmente. Essa peculiaridade é encontrada em algumas espécies com valor comercial. Até então, em meados do século XIX, já era explorada para fins de industrialização por chineses e

russos. Segundo Chaptal (1807), os russos preparam a cola a partir da bexiga do esturjão¹ de maneira similar à da gurijuba.

De acordo com Vieira (2019), o grude da gurijuba possui substâncias que, beneficiadas, produzem uma cola de altíssimo teor de adesão. Possui um alto valor nutricional, rico em proteínas, fósforo, cálcio e mucopolissacarídeos. O grude pode ser consumido por qualquer faixa etária de ambos os sexos e é uma espécie de alimento terapêutico. É um dos preciosos ingredientes tradicionais da iguaria gastronômica na Ásia, China, Malásia, Taiwan, Índia, Japão, Coreia e México, onde é usado como fixador pelas indústrias de cosméticos e bebidas. Os ingleses usam como filtro e clareador de cerveja.

Conforme Coutinho (2002), apreciada como iguaria gastronômica no país mais populoso do planeta – para o estranhamento do paraense –, é usada na clarificação de bebidas na Inglaterra enquanto que nos Estados Unidos e na Alemanha é empregada na fabricação de cola de alta precisão.

Há dados e pesquisas levantadas sobre a exploração da “grude” em território Amazônicos que envolvem desde as construções de prédios históricos à fabricação de produtos para inúmeras finalidades que se prevalecem até os tempos atuais. Manuella Araújo de Souza em 2012, em sua dissertação de mestrado faz um levantamento de pesquisa de análise sobre como essa inserção da grude com várias finalidades tem contribuição em arquiteturas no Estado do Pará e que existe todo um contexto histórico de argamassa nessas construções.

Serafim Leite (1993) relaciona as construções de igrejas jesuítas no Brasil com o desenvolvimento do país, afirmando que no início eram de taipa de mão, depois de pilão, até finalmente chegar em construções de pedra e cal, como é o caso das ruínas na ilha marajoara. Apesar de notar-se a presença da pedra e da cal nesta construção, crê-se que à argamassa da igreja tenha sido adicionada a “liga” da gurijuba na construção (PARÁ ONDE, 2002). Sabe-se que, pelo menos desde o final do século XVII, era comum a pescaria de gurijuba na Ilha Grande de Joanes (nome da ilha do Marajó em tempos coloniais) devido à sua fartura e à qualidade do grude de que esta espécie produzia. Sobre o assunto, Baena (1838) conta que, em 1691, o Governador estabelece a pescaria de tainhas e gurijubas, baseado na pescaria do ano anterior, que foi de grande proveito para a Real Fazenda em função da imensa quantidade de peixes naquelas paragens, “(...) notando-se nas gurijubas duplicada utilidade em razão da sua ótima grude, que é superior a todas as ichtyocollas conhecidas” (Souza, 2012, p.51).

¹ O Esturjão ocorre, apenas, no hemisfério Norte. São nativos de rios, lagos e mares da Europa, Ásia e América do Norte. Encontram-se entre os maiores peixes de água doce do planeta. O maior Esturjão identificado, até hoje, apresentava cerca de 8,5 metros e pesava 1,300 kg, acredita-se que tinha cerca de 100 anos (wwf, 2023).

Este subproduto de origem animal, mais especificamente originário do peixe, possui alto valor comercial e vem sendo utilizado por diversas indústrias estrangeiras, nas mais variadas finalidades, seja para produção de resina protetora para componentes de foguetes aeroespaciais, revestimento protetor para componentes eletrônicos de smartphones e microcomputadores (Feltus et al. 2010).

A atividade pesqueira movimentou um mercado milionário a nível mundial, com grande valor comercial aos olhos internacionais da exportação. A atividade contribuiu de forma significativa dentre outros fatores para incrementar a economia local, fornecimento de fonte de proteína animal marinha e atividade e fortalecimento social no sistema de crenças e valores agregadores na atividade pesqueira (Ramons, 2008). O Pará é o Estado exportador, representando mais de 98% nos últimos anos, e o importador principal é o Hong Kong representando mais de 97% das exportações (Gonçalves, 2022).

Em resumo, as referências apresentadas oferecem uma visão abrangente e interdisciplinar sobre o grude, abordando suas implicações históricas, arquitetônicas, econômicas, culturais e sociais na região amazônica. Este trabalho buscará explorar as inúmeras finalidades do grude, delineando o processo envolvido e destacando historicamente a interligação do subproduto com a atividade pesqueira.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

O objetivo deste trabalho foi caracterizar a cadeia produtiva da pesca associada ao subproduto do grude, em São João de Pirabas, nordeste paraense.

3.2 Objetivos específicos

- A) Descrever a pesca (petrechos) e os grupos sociais envolvidos com o beneficiamento e comercialização do subproduto de grude.
- B) Identificar as espécies-alvos envolvidas com a comercialização do subproduto de grude.
- C) Descrever a cadeia produtiva da pesca, evidenciando a sua relação com o mercado do subproduto de grude.
- D) Compreender a relação dos pescadores artesanais com o mercado local/internacional do subproduto de grude.

4 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado no período de 05 de maio a 25 de junho de 2023, no município de São João de Pirabas, nordeste paraense (Figura 1). Os interlocutores que participaram da pesquisa, consentindo em realizar as entrevistas, incluíram pescadores artesanais, ex-pescadores artesanais, comerciantes do mercado municipal da cidade, atravessadores do grude e outros fatores sociais considerados relevantes para a coleta de informações.

A pesquisa de campo para este estudo envolveu a realização de entrevistas, tanto em conversas informais, como conversas baseadas no questionário antes de ir a campo, que foram conduzidas em diversas configurações, incluindo mercado municipal, casa do grude, e pescadores artesanais no Rio Pirabas. O grupo de participantes abrangeu uma faixa etária ampla, variando entre 23 anos e 65 anos. Cada depoimento teve uma duração que variou de dez minutos e 60 minutos, totalizando aproximadamente entre 40 horas. O processo de coleta de dados contou com auxílio gravação em áudio das entrevistas, caderno de campo e contato por telefone com os entrevistados, visando a obtenção de informações quantitativas e qualitativas relevantes para este trabalho. Ao final da entrevista foi solicitado aos entrevistados a indicação de uma ou mais pescadores para também participarem da pesquisa, conforme o método “bola de neve”(Bailey, 1982). O método bola de neve consiste em uma prática comum, quando o entrevistado indica outra pessoa para que possam fornecer informações necessárias para levantamento de dados de pesquisa, ou seja, um pescador indica o outro.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, em determinados momentos, ao mencionar o nome do atravessador, optei por utilizar nome fictício de João², em respeito a questões éticas e em acordo mútuo com ele. Um desses nomes será empregado ao abordar a identificação dos atores que compõem a cadeia produtiva do subproduto da grude. Algumas imagens não serão incluídas nesta pesquisa, em conformidade com o compromisso assumido com os participantes, visando preservar a confidencialidade e a confiança dos atores centrais que desempenharam um papel fundamental na condução deste trabalho.

Antes de iniciarmos as entrevistas, foi de extrema importância explicar o motivo pelo qual seria necessário fazer algumas perguntas. Foi essencial expor a intenção da

² Nome fictício de um dos atravessadores do “grude”, de São João de Pirabas, um dos principais atores sociais que compõem a cadeia produtiva da comercialização do subproduto.

pesquisa e a finalidade das entrevistas, sempre enfatizando que os participantes não se sentiriam obrigados a responder a todas as perguntas ou dúvidas que surgiam no decorrer da conversa, utilizei como instrumento de pesquisa um formulário (Apêndice II). No total, foram realizadas 12 entrevistas, envolvendo 5 pescadores, 1 ex-pescador artesanal, 4 comerciantes do mercado local, 1 atravessador e 1 morador da cidade que conhece a atividade, mas não tem envolvimento direto com a pesca. Os seguintes interlocutores foram:

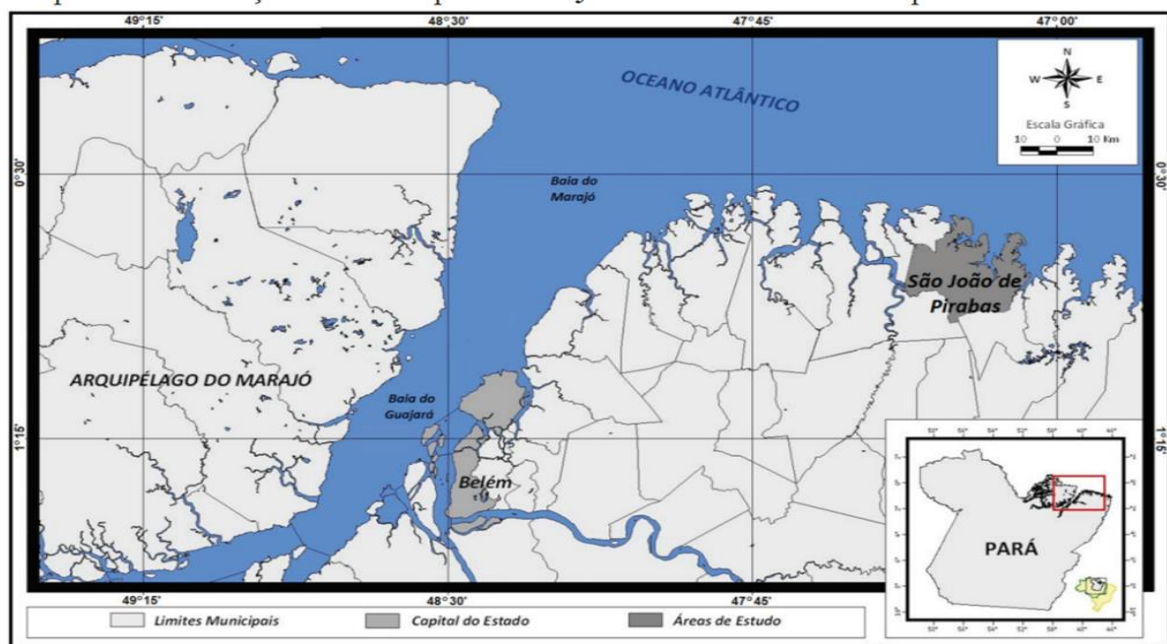
1. Jessivaldo de Souza, 36 anos, pescador a desde os 12 anos de idade;
2. Carlos Natanael, 44 anos, pescador desde os 10 anos de idade;
3. Jorge Silva, 50 anos, pescador desde os seus 22 anos de idade;
4. Dinho Araújo, 51 anos, pescador desde os 23 anos de idade;
5. Robson Ricardo, 23 anos, pescador há 4 anos;
6. Ailton, 35 anos, pescador desde os seus 17 anos;
7. Valter, 48 anos, pescador desde os 24 anos;
8. Ismael, 65 anos, pescador desde os 10 anos de idade;
9. Rosivaldo, 36 anos, pescador desde os 28 anos;
10. Marquinhos, 22 anos, pescador desde os 19 anos;
11. Raylson Dias, pescador desde a adolescência, aproximadamente 19 anos;
12. E o atravessador do subproduto do grude, nome fictício “João”, não informou a idade.

Durante as entrevistas, buscou-se obter informações sobre os aspectos sociais e culturais, bem como sobre as características da atividade de pesca desenvolvida na região e atores que compõem a cadeia produtiva do grude. As perguntas contidas no roteiro de entrevista foram formuladas de acordo com os objetivos do estudo e em conformidade com os dados levantados em campo, mas se baseando em referências sobre o subproduto.

4.1 ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo é o município de São João de Pirabas, localizado na região do Nordeste (Figura 1) do Estado do Pará, que possui uma forte tradição na pesca artesanal, fundada por volta do século XX pelo Governador Hélio Mota Gueiros, em 10 de maio no ano de 1988, desmembrada de Primavera (IBGE, 2023).

Figura 1 - Localização do município de São João de Pirabas no Litoral Paraense



Fonte: Brito, T. P. et al. (2014).

Todos esses espaços pertencem aos pescadores e foram utilizados para o levantamento de dados de pesquisa. Baseado na ideia de estariam os principais atores que compõem a cadeia produtiva, observa-se que, conforme esperado, os pescadores mais antigos ressignificam suas histórias enquanto pescadores, mantendo viva a sua identidade cultural ligada às suas experiências de vida e a atividade da pesca.

Figura 2 - Área de estudo: espaço utilizados para pesquisa e entrevistas com os principais atores da cadeia produtiva



Fonte: pesquisa de campo, 2023

Nota: (1) Trapiche área onde foi aplicado o formulário no dia 05 de maio de 2023, com embarque e desembarque de embarcações; (2) Espaços de fluxo de pescado para comercialização; (3) Mercado municipal local de comercialização do pescado, e a bexiga natatória e retirada no mesmo local, também utilizado para coleta de informações com comerciantes que também são pescadores; (4) espaço utilizado por pescadores artesanais para embarcações, local onde foi entrevistados os pescadores mais antigos da cidade.

4.2 Etapas

Os dados obtidos para o desenvolvimento deste trabalho foram executados através de entrevistas com aplicação de formulário em 5 de Maio de 2023. As conversas informais com os pescadores artesanais e atravessadores responsáveis pelo processamento da grude e comerciantes do mercado local, ocorridas em 24 de Junho de 2023. Comunicá-los por meio de ligação foi uma das ferramentas de grande importância para avisar os entrevistados sobre a minha chegada ao local de pesquisa. Foram entrevistado a um total na primeira ida a campo, cerca de 10 pescadores artesanais, em uma faixa etária de idade entre 21 a 43 anos, foram feitas perguntas como quais as tecnologias utilizadas por eles para a prática da atividade, arte de utilização do dia a dia, relação do pescador com a pesca, comercialização as espécies, como é a relação do pescador artesanal e atravessador e quais os atores sociais inseridos na cadeia produtiva do pescado.

Com a intenção de registrar o local e principalmente fotografar as imagens de grude de peixes comercializados na cidade, foi primordial pedir autorização tanto dos pescadores, comerciantes do mercado que filetar o peixe e retiram a bexiga natatória, assim como foi de extrema importância tentar o diálogo com o comprador do grude, atendendo ao pedido de não citar em meu trabalho seu nome. Obtendo sucesso nas imagens a câmera utilizada foi de celular, modelo Moto G 100, registro no dia 06 de maio de 2023, todos registros obtiveram autorização dos entrevistados.

O roteiro para coleta de informações, com a intenção de entender qual a origem do peixe, quanto tempo os pescadores demoravam em alto mar, após a chegada no trapiche da cidade, grau de escolaridade, qual a importância da pesca na vida deles, estado civil, a quanto tempo exerce a atividade de pesca, quantidade de filho, origem se tinha alguma renda secundária além da pesca, qual o valor do kilo de cada espécie, dentre outras informações que pudessem ser de relevância para complementar informações.

Etapa 1: Em 22 de setembro de 2022, realizei meu primeiro contato com o "grude", conforme referência na introdução deste trabalho. Curiosamente, essa experiência ocorreu de forma indireta, quando aceitei o convite de Rosivaldo vendedor

de coco da cidade para pescar à noite no trapiche da cidade, utilizamos a linha de mão (Apêndice V). Durante essa pesca, discutimos sobre diversas espécies e o assunto, transformando o momento em uma coleta de dados subsequente. Assim, de maneira inadvertida, eu já estava integrado ao meu trabalho de conclusão de curso, pois esse dia eu tenho o primeiro encontro com o atravessador “João” faço registro e guardo em meu celular sem intenção para escrever a respeito.

Etapa 2: No dia 5 de maio de 2023, decidi ir a campo para aplicação dos devidos formulários, já "achando" que sei qual é o objetivo da pesquisa. Começo a conversar com pescadores nas proximidades do trapiche, onde faço registros do espinhel (Figura 13), o pescador Jessivaldo de 36 anos, explicava que também um dos métodos utilizados por eles. Em seguida, pergunto a eles quem seria o próximo entrevistado, visando fechar as entrevistas com 10 pescadores. Entretanto, para minha surpresa, o próximo entrevistado é justamente o atravessador, o comprador da grude. Isso prolonga o tempo necessário para construir um diálogo significativo em relação ao meu propósito de pesquisa, demandando um esforço maior para obter as informações desejadas.

Etapa 3: Em 24 de junho de 2023, ainda insatisfeita com os resultados obtidos, tornou-se necessário ampliar minha busca para compreender melhor a dinâmica de comercialização do subproduto na região. Diante disso, decidi descartar o uso do questionário, seguindo a sugestão da minha orientadora, Prof. O Dr. Carina. Optei por uma nova estratégia metodológica, utilizando conversas informais para criar um ambiente mais descontraído durante as entrevistas. Percebo em campo que essa escolha se revelou como a melhor estratégia a ser adotada, uma vez que todos os pescadores e entrevistados demonstraram sentir-se mais à vontade, facilitando assim a obtenção de informações relevantes para a pesquisa e tornando um diálogo livre e flexível a eles.

Etapa 4: No dia 25 de junho de 2023, não satisfeita com o dia anterior, resolvi acordar cedo e com a minha avó Celina nos dirigimos para a cidade de Boa vista, no Pará, cidade também que pertence ao nordeste paraense, que segundo informações dos pescadores de São João de Pirabas, é responsável pela exportação à China, porém foi um missão no qual fiquei impossibilitada de realizar a entrevista. O principal motivo, não divulgar informações para pessoas externas, mas consegui saber o preço de algumas espécies (tabela 5). Dessa forma, coleta de dados foram construídas em vários momentos em campo com os interlocutores.

4.3 LIMITAÇÕES DE PESQUISA

As dificuldades, desde o princípio, era algo que eu cogitava por pesquisas que eu vinha explorando há algum tempo antes do meu retorno à cidade, mas não sabia que seria muito mais que a minha imaginação. Desde o início pesquisando sobre o subproduto, cheguei a cogitar o porquê seria difícil conseguir algumas informações sobre como funciona a cadeia produtiva do famoso “ouro da Amazônia”³, como os próprios pescadores nomeiam a bexiga natatória da pescada amarela - é o ouro. Por vezes, acreditei que o contato que tive no ano anterior, em 2022, facilitaria as coisas, mas o campo me mostrou que conhecer algumas pessoas não significava *nada* quando se trata da pesca, especialmente do “grude”.

Nestas circunstâncias da pesquisa sobre a pesca, é importante destacar as limitações significativas e relutância dos pescadores em compartilhar informações representativas acerca dessa cadeia de comercialização do grude. Para muitos deles, fornecer dados a pessoas externas é encarado como uma ameaça à sua liberdade. Entrevistar pescadores, comerciantes e principalmente atravessadores sobre a pesca é uma tarefa intimidante, mas mencionar o “grude” é como tocar em um ponto de silêncio a quebra de qualquer diálogo, torna-se uma barreira até para dar continuidade na conversa. Isso reflete a sensibilidade do assunto e os desafios de fazer pesquisa neste contexto.

5 CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO DO SABER PESQUEIRO: A Profunda Relação dos Pescadores Artesanais Pirabenses com a Pesca

O povo pirabense nutre uma profunda relação com a pesca, atividade intrínseca à identidade e história do município. O pescador artesanal, trabalhador singular, tece seu caminho nas águas, onde suas técnicas e instrumentos se transformam em ferramentas de domínio. No seio desse ambiente sem divisões aparentes, ele desbrava, com sabedoria, os lugares onde a pesca tem um símbolo de sabedoria e práticas tradicionais da região. Essa é a essência da sua arte, uma simbiose entre o os pescadores e a natureza com o meio e que perpetuam a história da comunidade e de suas práticas são os principais atores sociais dessa prática.

Uma das maneiras mais tocantes observadas na relação com a pesca artesanal em São João de Pirabas é a forma como eles reconhecem e percebem a importância dessa atividade para preservar a natureza e valorizar suas características para manter o equilíbrio da pesca, ressaltando-o como a essência desses pescadores e forte. Nas práticas

³ "Ouro marítimo": nome utilizado pelos pescadores artesanais do município para se referir à pescada-amarela (Pescador, Raylson Dias, 43 anos).

modestas da pesca artesanal, encontramos a verdadeira alma do nordeste paraense, onde a tradição e comunidade se unem de maneira inseparável. Conforme Alzira Almeida de Araújo, essa relação vai muito além, tornando-se uma parte imaterial da pesca, pois os modos de tradições são conhecimentos do cotidiano.

Conhecer a história de vida local é uma forma de chamar atenção para seus modos de vida tradicionais, podendo ultrapassar o conhecimento dessas populações, considerando as várias situações encontradas, como as relações de trabalho da pesca, suas conexões que permeiam para sobreviver, em suma seu cotidiano que para esse trabalho tornou-se importante para a questão dos saberes. Os saberes adquiridos pelos pescadores estão agrupados em grandes âmbitos e categorias temáticas como as festividades, saberes, modos de expressão, sistemas de memória material e imaterial. (Araújo, 2019, p.108).

O autor destaca a relevância do conhecimento da história de vida local como um meio de destacar e compreender os modos de vida tradicionais de uma determinada comunidade. Esse tipo de compreensão vai além de uma simples compreensão das práticas cotidianas; trata-se de um processo que pode transcender o entendimento superficial dessas situações, que podemos lembrar de todo o contexto das práticas de São João de Pirabas.

O que compreendemos é que o pescador artesanal pirabense não vê a pesca apenas como uma atividade econômica, mas um pilar que sustenta a identidade e a cultura da região de sua ancestralidade, que está intrinsecamente ligada a sua subsistência de vida. Ela representa o modo de vida, a sabedoria transmitidas de geração em geração, e a conexão profunda entre o povo e o ambiente marinho, assim como eles reconhecem e levam em consideração o espaço das águas enquanto o meio de trabalho e vida, o que implica conhecer e saber fruir dos espaços.

Nesse cenário, eles desempenham um papel fundamental na preservação das tradições e na sustentabilidade dos recursos pesqueiros. Eles são os guardiões do conhecimento ancestral, aplicando técnicas tradicionais que respeitam a natureza e garantem a continuidade da pesca para as próximas gerações.

No tecer das águas e nas mãos calejadas, encontramos a poesia viva da pesca artesanal, onde cada gesto é uma estrofe entrelaçada com o passado e o futuro vida de outras gerações para eles a pescar faz parte da sua história vinda de suas ancestralidades. Nesse contexto, esses pescadores desempenham um papel transcendental, não apenas como hábeis navegantes, mas como guardiões de um conhecimento ancestral, uma melodia antiga.

Eles se tornam os poetas do mar, aplicando técnicas tradicionais como versos rimados, onde cada movimento respeita a dança da natureza. Cada lançar de rede é uma ode à sustentabilidade, uma promessa de cuidado para com os recursos pesqueiros que são o palco dessa sinfonia marinha.

Figura 3 - A alma da pesca artesanal de São João, uma história de amor e tradição



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

De acordo com os autores Corrêa e Silva (2019), a pesca artesanal é vista como forma de subsistência dos moradores, por isso as embarcações de madeira fazem parte desde muito cedo da vida de boa parte dos municípios, assim o conhecimento adquirido sobre a pesca e os equipamentos necessários para o ofício tornam-se corriqueiros, o que demanda significativo saber empírico a esses profissionais.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa foram organizados didaticamente em quatro subseções. A primeira refere-se ao histórico da relação da pesca com o beneficiamento e comercialização de subprodutos de peixes. Na sequência, a caracterização dos petrechos, espécies e tipos de pescaria é apresentada para colocar em evidência, na terceira seção, perspectivas dos interlocutores da pesquisa, para na última seção apresentar os aspectos da caracterização da cadeia produtiva associada ao grude.

6.1 HISTÓRICO E INÍCIO DA RELAÇÃO COM O SUBPRODUTO NO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DE PIRABAS

A sua formação histórica de acordo com algumas informações está diretamente ligada à colonização portuguesa na região Amazônica e as atividades econômicas que se desenvolveram ao longo dos séculos. O Período pré-colonial em meados do século XVII, antes da chegada dos colonizadores, a região onde hoje está São João de Pirabas era habitada por povos indígenas, como os tupinambás-acú. Essas comunidades indígenas já viviam na região há séculos, subsistindo através de suas práticas da pesca, caça e coleta, conforme informações relatadas pelos pescadores mais antigos todas essas relações praticadas estão interligadas.

De acordo com os dados do IBGE, São João de Pirabas tornou-se independente a partir de 1988, quando se desmembrou do município de Primavera:

Formação histórica da cidade

De acordo com o moradores e pescadores da cidade, o nome do município se deve a existência de uma espécie de peixe conhecido pelo nome de piaba ou pirabas, que é bastante abundante nas águas doces dos seus rios e o “São João” é resultado da grande devoção na qual os habitantes tinham pelo santo do mesmo nome. Quando em 1930, o município de Salinópolis foi extinto, toda a sua área patrimonial foi anexada ao município de Maracanã até o ano de 1933, quando mediante a promulgação do Decreto Estadual nº 1002 de 30 de junho, Salinópolis voltou a ser conduzida a categoria de município. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o distrito de São João de Pirabas figura no município de Primavera. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-I-1979, elevado à categoria de município com a denominação de São João de Pirabas, pela lei estadual nº 5453, de 10-05-1988, desmembrado de Primavera. Sede no antigo distrito de São João de Pirabas. Constituído de 2 distritos: São João de Pirabas e Japerica (IBGE, 2023).

De acordo com os pescadores e a população pirabense, a formação histórica de São João de Pirabas está profundamente enraizada na história da colonização da Amazônia e na exploração de seus recursos naturais ao longo dos séculos. A cidade e suas práticas com as atividades voltadas para a pescaria se mantém viva por ser uma rica herança cultural e histórica que é preservada e celebrada por seus habitantes. Mesmo com o histórico de outros subprodutos e extinção do mesmo com as barbatanas de tubarão (*Galeocerdo cuvier*), podemos considerar, como eles mesmos afirmam, que antes viam

tubarões e filhotes em abundância, mas hoje isso não ocorre devido à busca incessante para retirar as abas e o mesmo pode acontecer com as espécies da grude do pescado.

Figura 4 - São João de Pirabas, letreiro de identificação da cultura da pesca na região



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

O que pode ser compreendido é que ao longo do tempo, essa região sempre teve e continua tendo a pesca como seu objetivo central de comercialização, impulsionando a economia local. No entanto, com o passar do tempo, a busca pela bexiga natatória também se tornou um meio de exploração para suprir às necessidades de exportação, como "pescar para retirar os subprodutos para atender a demanda dos clientes estrangeiros", pois são eles que têm o maior interesse comercial sobre esses subprodutos.

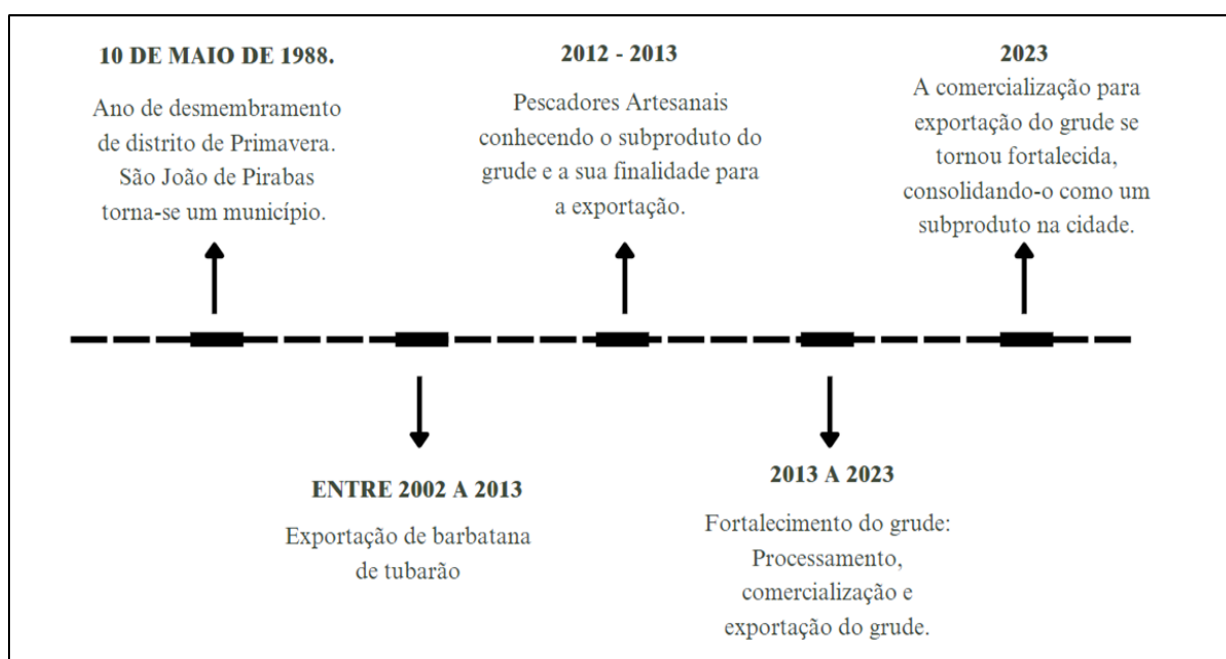
Durante o diálogo com os pescadores artesanais, foram feitas perguntas com o intuito de compreender a evolução temporal da atividade pesqueira. Isso incluiu o momento em que certas atividades relacionadas à comercialização dos subprodutos tiveram início na cidade. Com base na pesquisa de campo, na figura 5, realizamos uma tentativa de construção que abrange desde quando se iniciou a atividade de comercialização do subproduto, que anteriormente correspondia às barbatanas de tubarão e, atualmente, consiste na bexiga natatória de algumas espécies de peixe.

Durante essas conversas, observou-se que, assim como a pesca, que representa a atividade central na cidade e na região, houve relatos de que, no passado, a pesca e a comercialização de barbatanas de tubarão eram os principais impulsionadores da

economia local. Isso visava tanto suprir as necessidades do mercado local quanto, principalmente, atender às demandas de clientes internacionais, exportando essas barbatanas de tubarão para o exterior. Em uma conversa com Raylson Dias, 43 anos, ele contextualiza as práticas na cidade e os interesses econômicos para exportação.

“Em relação à atividade tem mais de 10 anos, ficou muito mais procurado, porque antigamente o que faziam era as vendas das barbatanas de tubarão que são aquelas abas. Aí depois, descobriram que a grude do pescado é muito mais rica, aí ficou na grude. As barbatanas de tubarão às vezes são vendidas mas não tanto quanto o valor alto quanto a da grude do pescado. Para ti ver que as pessoas que praticavam a retirada das barbatanas de tubarão antes, hoje eles migraram para o grude, tudo é grude, já que tem o valor mais alto do mercado”. (Raylson Dias, 2023, pescador).

Figura 5 - Histórico de comercialização do subproduto de Barbatana de tubarão e do Grude do pescado



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

De acordo com a Instrução Normativa 16, de 29 de setembro de 2015 Presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, nomeada por Decreto de 5 de maio de 2015, publicado no Diário Oficial da União de 6 de maio de 2015, no uso das atribuições que lhe conferem o artigo 22 da Estrutura Regimental do IBAMA, aprovada pelo Decreto nº 6.099, de 26 de abril de 2007.

Considerando o que dispõe a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, o Decreto nº 6.514, de 22 de julho de 2008, a Instrução Normativa Interministerial MPA-MMA nº 14, de 26 de novembro de 2012, e a Recomendação 2004-10, da Comissão Internacional para a Conservação do Atum Atlântico - ICCAT, "sobre a conservação de tubarões capturados em associação com as pescarias geridas pela I C C AT";[...] Art. 1º Definir os procedimentos necessários para fiscalizar o controle do desembarque de

tubarões capturados nas águas jurisdicionais brasileiras, em alto-mar por embarcações nacionais ou estrangeiras arrendadas, bem como o armazenamento, a conservação, o beneficiamento, o transporte, a comercialização ou a exportação de barbatanas.

O que esse depoimento me fez foi uma reflexão sobre o que a Lourdes Furtado em 1981 descreve, reforçando a importância e grande influência da identidade cultural nas práticas indígenas na Amazônia.

Desde os primórdios da conquista portuguesa na Amazônia, o peixe constitui recurso básico para alimentação dos colonizadores. Conta Veríssimo (1970 : 90) que alimentação era fácil e abundante nos caminhos percorridos pela expedição de Pedro Teixeira, no período de 1638 a 1639. Essa fertilidade e a tecnologia empregada pela população regional com a qual os colonizadores entraram em contacto, serviram de suporte para as empreitadas que eles realizaram na Amazônia. (Furtado, 1981. p. 5 - 6).

Além dessa pesca direcionada aos tubarões, o que é proibido, essa prática ilegal também ocasiona a morte de diversas aves marinhas, inclusive algumas delas ameaçadas de extinção. Então, os danos ambientais não são relacionados somente aos tubarões, mas também à fauna marinha (Ibama, 2023).

É importante observar que as práticas dos pescadores e as regulamentações da pesca podem variar de acordo com a região do nordeste paraense e o período de tempo. No entanto, com base na sua declaração, os pescadores da região de pirabas fizeram algumas mudanças nas suas práticas do subproduto de barbatanas de tubarão, devido às leis de pesca e para diminuição dos impactos ambientais. Para a SEFA, existe uma tabela tributária para a circulação de comercialização intermunicipal para a atividade de abas de Tubarão no Estado do Pará. De acordo, com a nota acrescentada pela Portaria SEFA N° 158 de 2012, ABA DE TUBARÃO kg preço interno R\$ 140, 00/ preço interestadual R\$ 200, 00 - Portaria SEFA nº 48 de 07/05/2008 (Sefa, 2023).

Devido ao conhecimento das leis e punições que tiveram no passado, os pescadores deixaram de comercializar o subproduto, abrindo espaço para o grude que hoje possui grande valor comercial, pois a atividade da grude causa menos impactos na exploração dos recursos pesqueiros. Com isso, os pescadores paraenses têm valorizado essa forma de comercialização do subproduto, a qual está diretamente ligada à pesca artesanal e não causa danos ambientais. É importante frisar que sobre pescaria de abas do tubarão era uma prática comum dos pescadores industriais, contra a qual os pescadores artesanais sempre se posicionaram para tal atividade.

A feira e o mercado municipal desempenham um papel fundamental na comercialização para os pescadores da região, proporcionando benefícios para esses

atores sociais executando suas atividades de pesca. Esses espaços são impulsores da economia local, gerando oportunidades de negócios para os pescadores e promovendo o comércio interno. Criando uma ligação direta entre os pescadores e os clientes, promovendo uma relação de confiança e fidelidade e preservando a sua identidade cultural, trataremos mais adiante dessa relação entre pescador e comerciante.

A participação na feira e no mercado municipal também ajuda a preservar as tradições pesqueiras locais. Ao manter esse canal de comércio tradicional, os pescadores aumentam para a continuidade de práticas culturais e artesanais associadas à pesca, o que foi analisado em campo que os comerciantes do mercado são também os pescadores.

Figura 6 - Placa do Mercado Municipal da cidade, fortalecimento comercial do pescadores e comerciantes



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

6.2 Pesca artesanal em São João de Pirabas

A relação dos pescadores artesanais de São João de Pirabas com o meio é extremamente forte, pois a atividade pesqueira depende diretamente dos recursos naturais e de todo esse contexto cultural da pesca da região. Eles desenvolvem estratégias para sobreviver e preservam seus costumes tradicionais ligados à pesca, com destaque nesses anos para a comercialização do subproduto da grude que pode ser considerada uma das atividades da pesca. Além de ser uma atividade econômica vital para as comunidades pesqueiras do nordeste paraense, esses pescadores consideram a atividade não apenas uma fonte de subsistência, mas também a comercialização desse recurso no mercado é uma parte integrante da cadeia produtiva que faz parte do comércio local e para atender os o mercado de exportação.

A pesca artesanal é definida como Pesca profissional modalidade individual praticada por pessoa física, na forma individual ou cooperada, sob qualquer escala de produção, tendo como destino final a comercialização na forma *in natura* ou beneficiada (Schallenberger, 2010).

De acordo com Isaac e Barthem (1995), a pesca nos lagos de várzea tem sido tradicionalmente praticada pelos pescadores de subsistência, que devido à fragilidade de suas pequenas embarcações, permanecem nestes ambientes o máximo possível, mesmo durante o verão. Contudo, durante as enchentes, os pescadores comerciais também exploram os lagos de várzea na procura de maparás (*Hypophthalmus spp.*) e caracídeos, como o tambaqui (*Colassoma macrapomum*) e seus (*Methynniss spp.*, *Mylossoma spp.*, etc.).

Figura 7 - Um dos modelos de embarcações de pescadores artesanal



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Conforme Antônio Carlos Diegues (1983), ele descreve diversos modos de controle sobre a arte da pesca. Esse conhecimento prático é formado por inúmeras sensibilidades, emergindo do diálogo estabelecido entre o ser humano, o ambiente e as ferramentas de trabalho.

O domínio da arte de pesca exige dele uma série de qualidades físicas e intelectuais que foram conseguidas pelo aprendizado na experiência, que lhe permitem apropriar-se também dos segredos da profissão. É fundamental nessa caracterização a unidade entre força de trabalho e os instrumentos de trabalho. Esses são adaptados ao corpo humano, e sua utilização exige uma técnica especial que é apanágio do artesão [...] Tornar-se um pescador profissional, entretanto, significa ser portador do conhecer que implica no quando, onde e porque fazer. Esse conhecer é constituído por um conjunto de ideias sobre o navegar, o momento das marés, os tipos de fundo propícios para a vida de certas espécies de pescado, noções empíricas sobre hábitos de diferentes

Muitos deles estão situados nas margens da praia próximo a sede municipal da cidade, que também abriga o local da feira do pescado na cidade, onde tem os concorrentes que são os pescadores industriais e no qual tem uma disputa tanto do pescado quanto da comercialização do subproduto que é a grude. Além disso, esses locais se estendem nas proximidades da praia da Cuiarana, Rio Pirabas, Ilha de Japerica, Rio Areião e todo o território pertencente à São João de Pirabas.

6.2.2 Petrechos e métodos utilizados

A pesca e captura dos peixes é realizada por pescadores artesanais em suas embarcações ou por meio de técnicas de pesca específicas, dependendo da espécie-alvo mais comum na região. Neste caso dos pescadores artesanais, como o foco principal da pesca não está relacionada diretamente à comercialização do grude, os pescadores vão ao mar para capturar para o consumo e a comercialização a lucratividade com o grude é apenas uma consequência da oportunidade de complementação de renda e do mercado local.

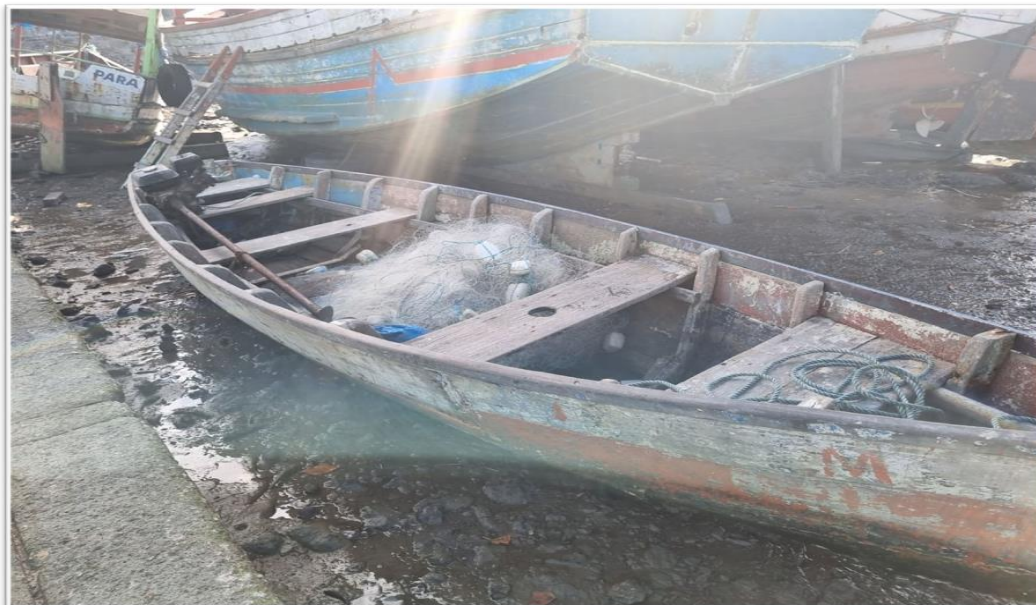
A tecnologia simples, constituída de embarcações à vela e outros apetrechos de pesca, em geral confeccionados pelos próprios pescadores, e o método de detecção dos cardumes, atribuem o caráter artesanal da atividade pesqueira no Pará (Lourdes, 1981, p. 03). Os espinhel, e principalmente as redes de emalhe foram os petrechos de pesca mais utilizados pelos pescadores no município de São João de Pirabas (PA) (Brito et al., 2015a) e de Viseu (PA) (Ramos et al., 2015).

As informações sobre o tipo de petrecho utilizado por pescadores artesanais é imprescindível, pois nos faz refletir e tentar compreender as estratégias de aproximação entre pescador e as espécies capturadas, configurando a interação operacional, ou cooperando acidental de espécies da pescaria e seus métodos. Nesse caso, alguns desses petrechos utilizados por pescadores artesanais para captura das espécies comuns da região de povo pirabense. Segundo Diegues (1983), é importante destacar que a pesca no Brasil possui características inerentes a cada região, com distintas formas de utilizar os recursos pesqueiros e métodos de produção (apetrechos, embarcações e estratégias), isso torna esta atividade em relação às questões sociais, políticas, institucionais, econômicas e ambientais.

REDE FINA: É um tipo de rede semelhante ao caçoero, diferenciando o tamanho da malha e espessura do fio. Para peixes como a corvina, anchova, pescada, bagres

etc, podemos empregar o monofilamento 0,30 a 0,50 e malhas de 60 a 150 mm. (CEPSUL/IBAMA Gamba, Manoel da Rocha. Itajaí-SC, 1994).

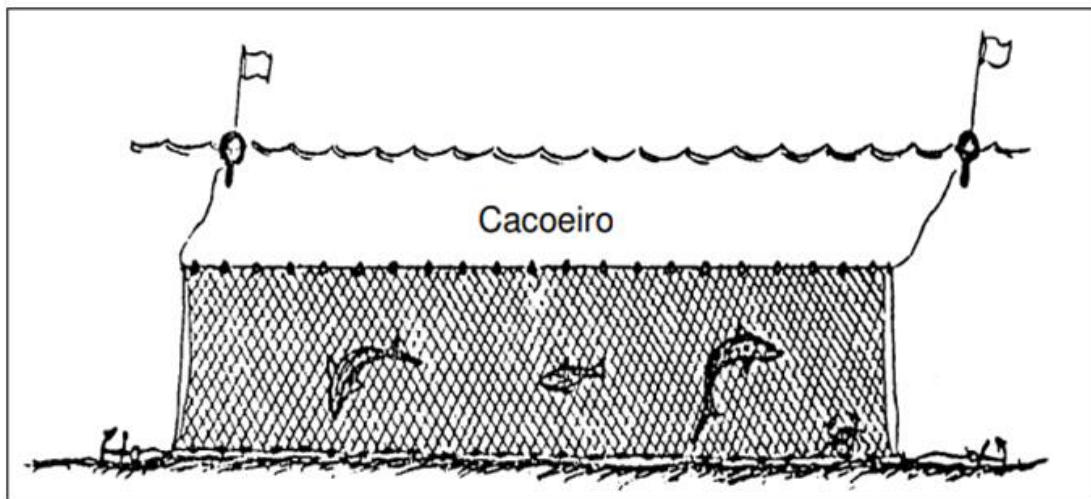
Figura 9 - Petrechos utilizados para a pesca, rede de malha fina



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Na figura 9 e 10, podemos observar a rede fina usada pelos pescadores para capturar determinadas espécies. Destacamos a diversidade de espécies capturadas, incluindo o Bagre branco, sajugubinha, Caíca, Bico doce, Peixe pedra, Paruzinho e Curimã.

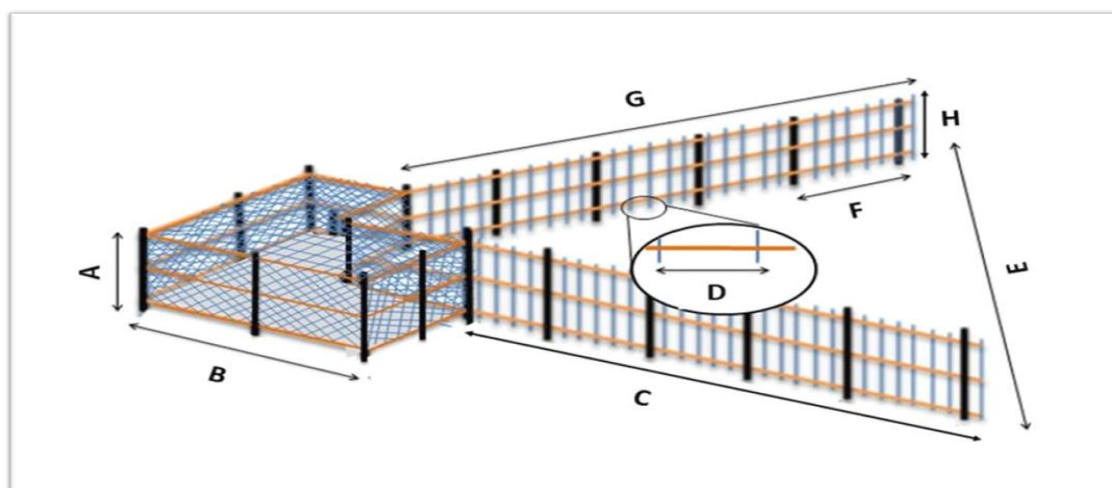
Figura 10 - Rede fina, apetrechos comum utilizados por pescadores da região do nordeste paraense



Fonte: CEPSUL/IBAMA (Gamba, Manoel da Rocha. Itajaí-SC, 1994).

CURRAL: Armadilhas constituem uma das diferentes técnicas utilizadas na pesca artesanal. Podem ser móveis ou fixas, funcionam atraindo o pescado para seu interior sem o uso de iscas e não impedem totalmente a sua saída. Suas denominações, bem como os materiais empregados na sua construção podem variar de acordo com o local de confecção. Veríssimo (1895), já descrevia o uso de armadilhas fixadas por pescadores do litoral do Pará desde o século 17 (Nascimento et al, 2016).

Figura 11 - Armadilha fixa denominada de "curral" do tipo espia.



Nota: “A” é a altura média dos mourões do chiqueiro, “B” é a distância média entre os mourões do chiqueiro, “C” é o comprimento da espiga direita, “D” é a distância média entre as varetas, “E” é a distância de boca, “F” é a distância média entre os mourões da espia, “G” é o comprimento da espiga esquerda e “H” é a altura média dos mourões da espia. Fonte: Farias, 2018.

Em uma conversa para compreender a pesca na região, o pescador Ralyson faz uma narrativa e revela uma profunda conexão entre a atividade e suas raízes culturais e familiares. Através da conversa, ele destaca que provavelmente aprendeu as técnicas de pesca com seus antepassados, destacando o uso de petrecho específicos tem sido discutido por pessoas externas e que talvez as mesmas desconhecem que tal atividade está intrinsecamente ligada às suas raízes indígenas e que são ferramentas tradicionais e métodos da região que vieram de outras gerações.

Deixa eu explicar que na verdade é uma prática Indígena. Tem gente que vem e fala que o curral mata os peixes muito pequenos, que não é verdade porque isso não existe aqui. Mas só sabendo que essa prática é cultural do nosso antepassado de geração em geração. É isso tem a ver com os nossos antepassados. É, aí veio o homem branco e adaptou-se a essa prática que é nossa. Tanto que essa malha aqui é uma malha 30, ela não é proibida por lei, ou seja, a gente já pega um peixe maiorzinho. Então, aquela malha 20, ela já é proibida por lei, ela leva muito peixe pequeno. Nós sabemos disso, não fazemos isso. Tanto que todo esse peixe que tá no curral ele é sempre recolhido,

nos limpamos e sempre fazemos o certo. Nós temos conhecimento do que estamos fazendo, então a gente procura fazer o certo porque dependemos disso aqui pra sobreviver e isso aqui é que gera renda na nossa cidade. (Raylson Dias, 43 anos, pescador).

A partir de buscas em literaturas, Lourdes Furtado, em seu trabalho sobre a Pesca Artesanal, delinea a história dessa prática no Pará. Ela descreve a existência de leis direcionadas à pesca, citando o autor José Veríssimo, que explana sobre as leis em território amazônico.

José Veríssimo negou in totum a inexistência de legislação referente à pesca, no território amazônico, na história do Pará pode-se detectar decisões das autoridades com caráter normativo ou, pode-se dizer: pré-legislativo. Há, assim, no período colonial alguns dispositivos com caráter de lei, que revelam, desde então, a preocupação das autoridades em preservar as reservas de pescado, bem como a de prevenir a população dos efeitos negativos que certas técnicas de pesca poderiam acarretar (Furtado, 1981. p. 24)

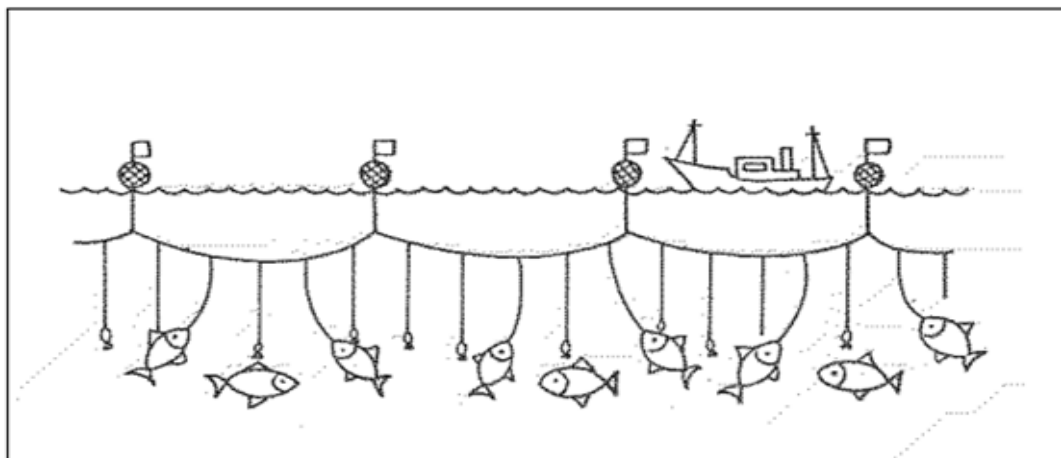
No século XIX, o Decreto federal nº 2.756, de 27 de fevereiro de 1861 menciona pela primeira vez os currais-de-pesca nas leis que regulamentam a pesca no Brasil. O mesmo buscava estabelecer diretrizes sobre a construção e conservação desta armadilha nas costas, portos e demais águas navegáveis do Império (Rodrigues, 2022, p.30).

LINHA DE MÃO: É um aparelho de pesca muito usado na captura de peixes de fundo, em parcéis, bancos ou parcéis da plataforma continental rasa. Compõem-se as seguintes partes: linha, alça, chumbada e anzol. Quando uma linha de fundo é adotada de vários anzóis denominamos de pesqueira. Este nome surgiu devido à pesca do pargo que é uma espécie que vive em cardumes, possibilitando ao pescador aprisionar vários peixes numa só “ferrada”. Esta linha possui de 5 a 15 anzóis, sendo muito empregada na pesca junto ao talude (ICMBIO, 2023).

ESPINHEL: O espinhel flutuante ou de superfície é um petrecho de pesca destinado à captura de peixes pelágicos ou costeiros de pequeno porte. Nas extremidades do aparelho são colocadas bóias luminosas para facilitar sua localização, uma vez que tanto o barco como o aparelho ficam à deriva durante toda a operação de pesca e sujeitos à ação das correntes marítimas e ventos. O equipamento é lançado ao entardecer e recolhido ao amanhecer, sendo a sardinha, a cavalinha e a lula, as iscas mais utilizadas, (ICMBIO, 2023).

É fundamental ressaltar que as espécies mencionadas, relacionadas à pesca com os petrechos mencionados, não são sempre as mesmas e podem variar de acordo com a disponibilidade dos recursos pesqueiros na época.

Figura 12 - Espinhel de superfície.



Fonte: CEPSUL/IBAMA.

Nota: (A) Espinhel do tipo de superfície, que é deixado à deriva sustentado por boias, **FONTE:** CEPSUL/IBAMA.

Foi observado também que, independentemente dos petrechos utilizados na captura, há consistentemente uma das espécies de grande valor comercial para comercialização do subproduto da “grude”, como Gó, Uritinga, Corvina, Gurijuba e o precioso ‘ouro’ da Amazônia, a Pescada Amarela. No campo, foram registradas algumas imagens da pesca de espinhel, conforme ilustrado na Figura 13. Um dos pescadores fez questão de apresentar um dos petrechos usados na execução dessa atividade.

Em conversa com o pescador Jessivaldo, de 36 anos, ele descreveu os desafios enfrentados na pesca de espinhel, destacando a diversidade de espécies capturadas, incluindo bandeirada, Xaréu, Corvina, Uritinga e a Pescada Amarela.

A Pesca com espinhel não é tão fácil, porque precisa mesmo é de agilidade, devido à maresia e muito forte, enquanto um vai colocando a isca de loguinhas⁴ o outro vai jogando o espinhel no mar tem que ser tudo rápido porque a maré é muito forte. Bom mesmo é quando a gente pega pescada-amarela macho, em média e cerca de 5 a 8 pescadas amarelas de 7 a 8 quilos cada uma, e como se a gente batesse a boa. Normalmente vai dois pescadores até três no mesmo barco, porque a gente divide o lucro, principalmente do grão da pescada (Jessivaldo, 36 anos, pescador).

O pescador destaca que a pesca com espinhel não é fácil, enfatizando a necessidade de agilidade devido às condições adversas, como a maresia forte. Isso sugere que a atividade exige habilidade e destreza. Ele fornece informações específicas sobre a quantidade média e o peso de cada pescada-amarela, indicando o potencial de um bom retorno na pesca bem-sucedida.

⁴ Longuinha é uma isca utilizada por pescadores artesanais da região para captura de algumas espécies de peixe.

Figura 13 - Espinhel utilizado por pescadores artesanais de São João de Pirabas



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

A safra da pesca comercial no litoral ocorre principalmente no inverno, a forte descarga do Amazonas desloca a água salobra para leste do Estado do Pará. Os aparelhos de maior captura são as redes de emalhar, o curral e o espinhel e as espécies mais exploradas são: dourada *Brachyplatystoma flavicans*, pescada amarela *Cynoscion acoupa*, tainha *Mugil spp.*, Gurijuba *Arius parkeri*, Uritinga *Ariusproops*, Xaréu *Caranx hippo*, Serra *Scomberomorus*, Mero *Epinephelus hajara*, Bagre *Arius couma*, enchova *Pomatomus saltator*, *Arius quadricustis* e *A. phrygiatus*, cação *Carcharhinus porosus* e *C. leucas*, Pescadinha *Gó Macrodon ancylodon*, carauaçu *Lobotes surinamensis* e bandeirado *bagre bagre* (Silveira 1979; Furtado 1987).

Figura 14 - Rede de relações: a interconexão dos espaços na Rotina dos Pescadores Artesanais



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Nota: A - Local de atracação de pescadores artesanais; B - Local onde os pescadores artesanais pescam; C - Mercado municipal próximo ao local onde os pescadores atracam; D - Madeira para fazer a construção da estrutura de curral.

Como mostra a Figura 14, as redes de relações dos pescadores artesanais estão intrinsecamente ligadas aos espaços que compõem sua identidade cultural na pesca. Esses espaços não representam apenas locais físicos, mas também relacionados às raízes entrelaçadas das práticas e preservação de seus saberes tradicionais. A rede de relações com o lugar e o espaço é evidente, representando o local do curral, como ilustrado na Figura (B), e reiterando as atividades dos pescadores, conforme mencionado anteriormente na Figura (A), pois esse pescado sai das águas da região, currais como mostra a figura (B). Podemos observar o espaço do mercado municipal na Figura (C), onde o pescado é comercializado por pescadores artesanais que desempenham tanto o papel de pescadores quanto de comerciantes. Além disso, na Figura (D), vemos o extrativismo recursos florestais vindo de área de mangue para a construção do curral, que também pode ser utilizado para a atracação de embarcações, conforme representado na Figura 15. Isso evidencia que esses espaços têm áreas específicas que auxiliam os pescadores na continuidade de suas atividades pesqueiras, mostrando uma interconexão vital entre o ambiente, as práticas tradicionais e a sustentabilidade da comunidade pesqueira.

De acordo com Isaac e Barthem (1995), a pesca nos lagos de várzea tem sido tradicionalmente praticada pelos pescadores de subsistência, que devido à fragilidade de suas pequenas embarcações, permanecem nestes ambientes o máximo possível, mesmo durante o verão. Contudo, durante as enchentes, os pescadores comerciais também exploram os lagos de várzea na procura de mapará (*Hypophthalmus* spp.) e caracídeos, como o tambaqui (*Colossoma macropomum*) e seus (*Metynnis* spp., *Mylossoma* spp., etc.)

Os autores destacam que, devido à fragilidade de suas pequenas embarcações, os pescadores de subsistência optam por permanecer nos lagos de várzea durante o verão. Isso pode indicar uma adaptação prática às condições locais, bem como uma dependência contínua desses recursos hídricos. Bem como complexidade da pesca nos lagos de várzea, envolvendo diferentes atores (pescadores de subsistência e comerciais), práticas sazonais e uma variedade de espécies de peixes.

Figura 15 - Curral dos pescadores artesanais, próximas ao trapiche



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

6.3 Desafios e mudanças na perspectivas dos pescadores artesanais

A sustentabilidade e o meio ambiente nesse contexto, pode-se dizer que refere-se à capacidade de equilibrar e preservar os recursos naturais, sociais e econômicos para atender às necessidades presentes sem comprometer as futuras gerações. De acordo com a aplicação do questionário, o pescador Jessivaldo, 36 anos, ele diz que não recebe o defeso ainda, mas que dar um jeito de respeitar o defeso:

“Minha mulher recebe o auxílio e trabalha também, eu fico aqui pela beira, quando a gente não pode pescar eu dou meu jeito, faço remendo de rede, ganho um trocado aí a gente vai vivendo o que não pode faltar e a comida (Jessivaldo, 36 anos, pescador).

A percepção do meio ambiente varia entre as pessoas e é influenciada por diversos fatores, levando a respostas divergentes mesmo dentro de uma mesma localidade. Isso se torna evidente ao analisar a importância da pesca em São João de Pirabas, onde a maioria dos entrevistados destaca sua relevância como fonte de renda. A pesca artesanal na região do salgado apresenta uma diversificação e características singulares, tanto em relação às espécies como na valorização cultural das práticas da atividade pesqueira, que é o considerado uma parte da essência de cada um dos pescadores.

Por outro lado, a pesca é uma atividade econômica essencial para a sobrevivência das comunidades pesqueiras, com isso os pescadores dependem da preservação do meio ambiente para a manutenção da atividade. Isso significa que, em modo geral, conforme a narrativa de um pescador que deve existir o limite, respeito e cuidado com que se tira do mar é o melhor caminho para ter espécies para as próximas gerações, já que sabem que a sua própria subsistência depende dele mesmo. Segundo Marchesini e Cruz (2014), a pesca de pequena escala tem aumentado ao longo das últimas décadas, porém a diminuição dos estoques pesqueiros pela sobrepesca tem forçado os pescadores artesanais a buscarem outras fontes de renda, como já evidenciado neste estudo.

Para o pescador Ismael, 65 anos, um dos mais antigos na pesca artesanal e experiência, acredita ter presenciado uma variedade de situações ao longo do tempo. Observando a diminuição da quantidade de espécies, ele sugere que o aumento de embarcações destinadas à pesca industrial pode ter influenciado essa dinâmica na falta de manutenção do estoque pesqueiro. Nessa perspectiva, em relação às mudanças associadas à atividade de pesca, os pescadores relatam a diminuição, não só espécies comuns que antigamente tinha em abundância, como também em tamanho, das espécies capturadas, através de relatos de pescadores que foram entrevistados os mais antigo, Ismael pescador de 65 anos.

“Antes a gente conseguia pegar peixe graúdo de todos os tamanhos, mas devido a grande quantidade de embarcações aqui na beirada, aumentou o número de pescadores. E sem contar esses barcos grandes ai desses pescadores, esse mesmo aí. Aí que o negócio fica difícil. É aí que a situação ficou difícil; nós pegamos menos peixes e, quando conseguimos, a gente pega pouco peixe e não é como antes, em todo o lugar tá diminuindo, muita gente pescando e eles não esperam o peixe crescer. O pargo e o mero a gente não ver mais, pode passar dias ai pescando, se encontra mero grande é muita sorte. Eles não querem nem saber, eles querem pescar e sair vendendo logo. Antes o barco até vinha chapado⁵, hoje em dia tá difícil” (Ismael, 65 anos, pescador).”

Ele explica que os espaços que outrora pertenciam aos pescadores foram gradualmente sendo tomados por embarcações maiores, conforme ilustrado na Figura 16, e tudo está relacionado à super exploração desses recursos. A uma lógica seria que a sobrepesca não impacta apenas as biodiversidades dos ecossistemas marinhos, mas também ameaça diretamente a subsistência dos pescadores artesanais. O texto reflete uma realidade complexa em que a necessidade econômica muitas vezes entra em conflito com a preservação ambiental, destacando a importância de abordagens sustentáveis que

⁵ O termo chapado é utilizado por pescadores mais antigos, e quando as embarcações conseguem trazer mais de 30 toneladas de pescado, após passar dias em alto mar. O Sr. Ismael, de 65 anos, explica que essas palavras são os pescadores mais antigos que usam.

buscam equilibrar essas demandas. Entretanto, a presença de mais pescadores resulta numa maior competição.

O pescador Carlos Natanael, 44 anos, de autor, parece transmitir uma visão profunda e respeitosa em relação à natureza, especificamente ao ambiente do mangue e das águas.

“Aqui tudo tem uma proteção divina da natureza e se agente não respeita a mãe do mangue os dos rios, tudo castiga a gente e isso como acontece ela não permite um bom dia de trabalho isso é a natureza quando ela se invoca com você já era, pode pedir desculpas e voltar pra casa esse dia não vai tá pra peixe. Todas as vezes que vamos pescar ou ir para o mangue, pedimos licença, porque sabemos que a natureza é mais forte que imaginamos, e isso aqui é a nossa vida e nós dependemos dela. Então a gente cuida, faz de tudo pra manter o equilíbrio, lógico que tem muitos pescadores e isso fez com que a gente tenha que respeitar o espaço um do outro, mas sabemos que temos que respeitar o outro pescador e mãe natureza” (Natanael, 44 anos, pescador).

A ênfase na ideia de uma "proteção divina" da natureza sugere uma visão espiritual e reverente em relação ao ambiente natural. Nessa perspectiva profunda sobre a interação entre os seres humanos e a natureza, destacando a importância de um relacionamento equilibrado e respeitoso para garantir harmonia a natureza.

Figura 16 - Embarcações no Rio Pirabas, local de embarque e desembarque



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2023

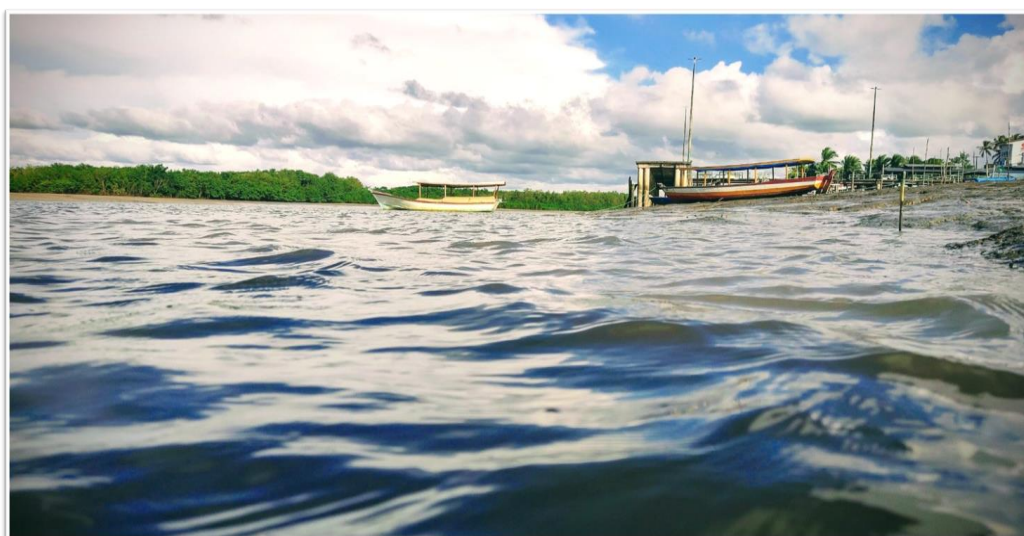
Conforme Medeiros (2006) contextualiza a existência dessa problemática desde a década de 1970.

Falhamos, igualmente, ao não constituir áreas de reserva e períodos de defeso (suficientes), nem à atribuição de subsídios de imobilização, a conceder aos pescadores quando ficasse proibida, sem alternativa, a captura de determinada espécie. Estas deficiências foram agravadas pela falta de conhecimentos

oceanográficos e de biologia marinha, que só recentemente têm evidenciado progressos muito sensíveis e eram ainda manifestamente insuficientes na maior parte da década de 70” (Medeiros, 2006:163).

Conforme Medeiros (2006, p. 162), estes problemas graves ocorridos nos anos 1960 têm origens antigas, e só ocorreram por nossa própria culpa, por uma deficiente gestão dos nossos próprios recursos marinhos. Segundo o autor expressa a ideia de que, por um longo período, a atividade de pesca ocorreu sem regulamentação e fiscalização específicas sobre as capturas. A ausência de limites claros para as capturas pode levar à exploração excessiva dos recursos pesqueiros, resultando em consequências negativas para a sustentabilidade dessas populações de peixes. A necessidade de regulamentação e estabelecimento de quotas é defendida como uma medida preventiva para evitar a sobrepesca e garantir a preservação dos recursos marinhos.

Figura 17 - Navegando na pesca pirabense



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Em uma conversa com Dinho, pescador e comerciante de 51 anos, ele destacou sua vasta experiência como pescador, explicando que a pescada-amarela continua abundante. No entanto, ninguém sabe como ocorre a desova dela. Ele disse que uma vez ficou chocado ao pegar uma fêmea pescada amarela, ressaltando a falta de compreensão sobre o processo de desova.

“Má rapá, eu já vi de tudo nesse rio aí, a gente que é pescador ver de tudo e mais um pouco, tem gente que fala que é história de pescador, mas antigamente era comum na hora de pescar tirar o peixe da rede, eu cheguei a peguei foi uma pescada-amarela fêmea, ela ta com pra desovar, eu só fui ver quando cheguei em terra. É muito grande, era ova demais acho que um metro de ovo da coitada! Eu te juro que fiquei triste, mas a gente vai puxando a rede e na hora a gente não percebe, só em terra que vimos, mas vou te falar uma coisa é uma coisa que não falta aqui e a pescada-amarela”. (Dinho, 51 anos, pescador).

Ele menciona uma prática antiga de retirar peixes da rede durante a pesca. Esse método, embora possa ter sido comum no passado, destaca um desafio enfrentado pelos pescadores no manejo sustentável dos recursos.

Uma reflexão sobre a falta de regulamentação e fiscalização específica durante um longo período revela um padrão histórico em que a pesca ocorre sem limites claros para as capturas. Esse cenário levou a consequências sérias para a sustentabilidade das populações de peixes, destacando a importância de considerar a dimensão temporal na avaliação dos impactos ambientais que de alguma forma embarcações do tipo industrial pescam em quantidades maiores interferem diretamente nessa ausência de recursos que anteriormente eram vistos.

A complexidade das relações entre a atividade humana e os ecossistemas marinhos, ressaltando a urgência de uma abordagem sustentável na gestão dos recursos pesqueiros, acredito que os pescadores mais velhos e aposentados são capazes com suas próprias experiências de vivências delineando quais são as melhores alternativas. A ideia de "nossa própria culpa"⁶, destaca a responsabilidade coletiva na preservação e na manutenção do equilíbrio ecológico.

6.4 O subproduto do grude e a cadeia produtiva associado à pesca artesanal em São João de Pirabas

Estudos têm demonstrado a luta cotidiana dos pescadores artesanais para garantir sua sobrevivência frente às incertezas da pesca, fazendo-os muitas vezes buscarem alternativas de renda (Sacco dos anjos, et al., 2004). Uma dessas alternativas é a prática de garantir a subsistência como pescador, criando estratégias para se adequar a qualquer tipo de renda. Isso inclui fazer emendas de rede para terceiros e, principalmente, comercializar o subproduto do pescado na região.

A “grude”, como é conhecida entre as comunidades de pescadores e comerciantes do Nordeste Paraense, subproduto da pesca, é provinda de frota de pequeno porte, envolvendo barcos dos mais diversos tamanhos e autonomia marítima, indo de pequena canoa à vela da pesca no estuarino, passando por pequenas canoas a motor utilizadas em viagem diárias, onde o pescador vai e volta na mesma maré, até barcos frigoríficos com capacidade de até 45 toneladas de produção e suporte para até 90 dias em mar aberto. Seu processamento de secagem até a comercialização acontece sem emprego de tecnologia e de forma simples (Santos et al., 2021 p.58).

⁶ Os pescadores afirmam que, se não cumprem a lei, quem sai prejudicado são eles, uma vez que dependem da pesca e procuram agir de acordo com as normas determinantes (Ismael, 65 anos, pescador).

Primeiramente, é importante entender por que o grude não era tradicionalmente associado a uma atividade pesqueira lucrativa, pode estar relacionado à falta de conhecimento sobre a espécie, à sua baixa abundância ou à ausência de mercado desenvolvidos, como o desconhecimento de suas finalidade, à sua baixa abundância e ausência de mercado desenvolvido sobre tais espécie.

No entanto, nos últimos anos, devido o conhecimento dos pescadores sobre a importância de lucros obtidos através da atividade, atravessadores, comerciantes iniciaram uma relação de “sobrevivência e adequação ao mercado, aproveitando da pesca que é culturalmente a principal atividade da região que é a comercialização das espécies pescadas na cidade, e fazendo do subproduto sua complementação de renda mais lucrativa.

Dessa forma, é indispensável não associar o grude como atividade pesqueira de valor comercial local, há razões para reconsiderar essa perspectivas e reconhecer o potencial comercial do grude. Várias questões podem ser levantadas para compreender o contexto e o significado desse mercado lucrativo que ainda encontra-se como “desconhecido”, pode estar relacionado à falta de conhecimento sobre o mercado, comercial, divulgação de informações sobre a práticas, processamento, demanda e sua finalidade.

Além dos próprios pescadores, a pesca associada ao subproduto do grude também gera empregos indiretos para os pescadores artesanais e comunidades costeiras pertencentes ao município. Isso inclui aqueles envolvidos no processamento, transporte e venda dos pescado nas feiras e a retirada da bexiga natatória, criando uma rede de oportunidades de empregos que contribui diretamente e indiretamente para a economia local da cidade. Adicionalmente, a pesca contribui como parte total da renda familiar, através da comercialização do pescado nos mercados locais, assim como a relação dos pescadores com os atravessadores, ou da exportação para o exterior do pescado e do subproduto que neste caso é o grude das cinco espécies, mas que no passado o subproduto era a barbatana de tubarão.⁷

Nesse contexto de comercialização, esses pescadores artesanais buscam outro meio de ganhar uma renda extra, com isso a oportunidade da retirada da bexiga natatória de algumas espécies com valor comercial faz do grude uns dos meio de ganhar um extra.

⁷ As barbatanas de tubarão era uma prática comum na região com finalidade para exportação, após as aplicação da lei aprovada pelo Decreto nº 6.099, de 26 de abril de 2007, esse atividade foi extinta, dando abertura para a comercialização do subproduto do grude na região (Raylson dias, 43 anos, pescador).

Portanto, o grude desempenha um papel de complementação de renda para os pescadores artesanais, contribuindo para o sustento de suas famílias e para a economia das região onde a pesca é praticada como foco central.

6.4.1 Perfil dos pescadores

No contexto dos pescadores artesanais, o perfil varia amplamente, dependendo das características de cada região. Em São João de Pirabas, o foco deste estudo, constatou-se que muitos desses pescadores têm uma herança familiar, sendo filhos, sobrinhos, irmãos de pescadores. Frequentemente, eles escolhem seguir a mesma atividade de seus pais devido a vários fatores, principalmente devido à grande oportunidade de geração de renda que a pesca representa na região, por ser uma atividade profundamente enraizada na cultura local. Ser pescador é mais do que uma simples profissão; é um aspecto central de suas vidas, pois entende-se que viver da pesca para o homem pescador, é ser homem e ter o reconhecimento de provedor da família, trazer o sustento e mais que o seu papel de homem.

Conforme Lourdes, Leitão e Mello (1993), o reconhecimento do papel social do homem na comunidade de pescadores é considerado como sendo assegurado pelo desempenho da sua função como provedor da família.

Nas sociedades pesqueiras, cujos valores estão centrados nas categorias de trabalho, parentesco, família e solidariedade, a construção da identidade social do homem se faz pelo trabalho na pesca. O reconhecimento do seu papel social também lhe é assegurado pelo desempenho da sua função de provedor da família, que é também um papel central na construção da sua identidade de gênero. O papel de provedor está estreitamente vinculado à noção de “honra”, categoria que também está presente em sociedades tradicionais. (Lourdes, Leitão e Mello, 1993, p. 69).

O Pescador Profissional na pesca artesanal aquele que, com meios de produção próprios, exercem sua atividade de forma autônoma, individualmente ou em regime de economia familiar ou, ainda, com auxílio eventual de outros parceiros, sem vínculo empregatício (SEAP/PR, 2004). De acordo com Silva (2011), “na pesca artesanal, na maioria das vezes, o trabalhador é dono dos meios de produção: o barco, a rede, os apetrechos e a técnica de pescar”.

Foram entrevistado um total de 12 interlocutores, todos do sexo masculino, dentre os entrevistado foram 10 pescadores/comerciantes, 1 ex-pescador artesanal e 1 atravessador da grude. A média de idade dos interlocutores foi de 38,5 anos, onde o menor de idade possui 23 e o maior de idade e o Sr. Ismael de 65 anos.

O perfil dos pescadores apresentou um predomínio de homens, onde o menor de idade possui 23 anos e o maior de idade, e de 65 anos. Os jovens desde cedo exercem a atividade de pesca, por ser considerada uma identidade cultural da região, muitos são filhos de pescadores e se organizam entre estudar e pescar com pai esporadicamente, tio, familiares e outros. Quanto ao estado civil, foi analisando com os dados coletados no formulário aplicado que 10 são casados, possuem em média de 1 a 3 filhos e dois são solteiros.

Quanto ao grau de escolaridade, dos 12 entrevistados, apenas 4 possuem ensino médio completo, 5 possuem apenas ensino fundamental, 1 deles não é alfabetizado, mas possuem grande habilidade com números, 1 possuem o ensino médio completo e o atravessador da grude ensino médio completo.

Tabela 1 - Perfil dos pescadores artesanais em São João de Pirabas

	ATIVIDADE	VÍNCULO EMPREGATÍCIO	MEIOS DE PRODUÇÃO	IMPACTOS
PESCADOR ARTESANAL	mão de obra familiar, amigos pescadores ou sozinho.	Nenhum	Próprios ou de um familiar	Menor impacto ao meio ambiente

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2023

Durante as entrevistas deste trabalho, foi necessário perguntar se alguns deles tinham algum vínculo empregatício para tentar compreender a relação deles com a pesca, se ela é apenas um complemento de renda ou se é um trabalho constante. Com base em suas falas, alguns recebem o defeso de pesca, enquanto outros têm apenas a companhia recebendo o Bolsa Família, e o homem obtém dinheiro pescando ou remendando redes para terceiros, pois, segundo eles, por serem homens, não podem ficar parados. Nesse contexto, nenhum possui vínculo formal, como carteira assinada ou qualquer outro cargo foram identificados.

Segundo Leite et al. (2019), o pescador artesanal gera pouco impacto ambiental devido seu material ser a maior parte manual com pouco investimento, dessa forma, seus impactos ambientais são poucos comparado aos pescadores industriais que utilizam materiais mais sofisticados de alto investimento causando maiores impactos ambientais.

Conforme Santos (2005), a pesca artesanal no nordeste do Pará assume papel fundamental na economia estadual e nacional, dada a sua relevância na ocupação de mão-

de-obra e produção de alimentos. Entretanto, ao lado dessa importância existem diversos problemas estruturais e socioeconômicos envolvidos na atividade.

6.4.2 Processamento e beneficiamento do Grude

O processo começa com a seleção cuidadosa das bexigas, evitando machucá-las para evitar perdas de produto. Após a seleção, as bexigas são pesadas e devem estar frescas e saudáveis para garantir a qualidade do grude ao atravessador. A qualidade do grude de peixe pode variar, dependendo de vários fatores, como a qualidade da bexiga natatória, peso e tamanho e do processamento de corte.

Figura 18 - Comerciante retirando a bexiga natatória do peixe Uritinga, uma das espécies de comercialização do grude



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Durante a pesquisa, em uma das visitas ao final da feira consegui presenciar o que encontramos em referências bibliográficas sobre o manejo, no qual existe todo um cuidado com a retirada da bexiga do peixe, na figura 18, uma cliente chegou para comprar dois quilos do peixe *Uritinga Tachysurus grandicassis*, onde o comerciante que também é pescador amostra para o cliente que o peixe está “fresco”.

Nesta etapa, as vísceras são retiradas e as outras partes indesejadas são removidas para deixar limpo, pois esse é um momento que exige muito cuidado e experiência para não machucar no manuseio. Segundo Medeiros (2019), diz o seguinte sobre o processo:

O grude é extraído das vísceras do peixe através de um processo de evisceração para sua retirada, que consiste em um corte longitudinal na área ventral do peixe, fazendo a retirada da bexiga natatória, que será lavada com água e separada para limpeza rápida, retirando o sangue e a gordura. Após o procedimento de evisceração, ocorre a limpeza do grude retirando a membrana que envolve a bexiga natatória, em seguida lavando-se com água. Posteriormente, efetua-se uma incisão longitudinal, com auxílio de uma faca ou uma tesoura, e inicia-se uma limpeza da câmara interna, fazendo a retirada dos resquícios de sangue e membrana, seguidamente, utiliza-se a água na finalização da limpeza do grude, podendo assim acondicioná-las para o comércio em situação *in natura* (Medeiros, 2019 p.23).

Consegui observar no dia 5 de Maio de 2023, ao final da feira e questionei o comerciante Dinho, de 51 anos, sobre o motivo de realizarem essa prática. Ele confirmou que é feito para demonstrar aos clientes que o pescado está fresco, o que acelera o processo de compra.

No dia 5 de maio de 2023, ao conversar com o pescador e comerciante Dinho, com 51 anos, explicou de maneira atrativa toda essa abordagem, apresentando também outras alternativas para agradar ao cliente.

“O peixe ele é aberto para o cliente ver que o peixe tá bom, é também para facilitar para o cliente, aí, ele já leva tudo cortadinho, se for para fazer frito, a gente corta para fritar, se for para fazer grelhado a gente corta para fazer assado e for para fazer uma caldeirada já no jeito e também. Tudo é uma forma de atrair o cliente. (Dinho, 51 anos, pescador).

Na figura 19, o comerciante do mercado municipal da cidade exhibe ao cliente uma estratégia para transmitir confiança ao comprador. Isso visa cativar o cliente e fechar a venda. No entanto, o cliente adquire o peixe, mas as bexigas são imediatamente removidas e colocadas em uma basqueta na cor branca. Isso é feito para separá-las, de modo que, ao final da feira, o atravessador do grude da cidade possa negociar o valor com bases na quantidade produzida naquela manhã, que ocorre a finalização comercial entre 12hr e 13hr dependendo do fluxo naquele dia.

Essa relação revela não apenas a prática comercial de apresentar o peixe aberto para os clientes, mas também carrega consigo uma série de significados mais profundos sobre a relação entre o pescador, seu produto e os consumidores. Dinho ressalta as vantagens do produto e, por extensão, a sua própria habilidade como pescador. Isso destaca a expertise e conhecimento que ele traz para o negócio, reforçando a confiança do cliente na qualidade do produto adquirido.

Figura 19 - Comerciante confirmando para os clientes que o peixe está fresco, e a bexiga natatória como atrativo



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

É importante ressaltar que não se pode determinar uma quantidade fixa para a produção diária de grude, uma vez que diversos fatores influenciam nesse processo, como demandas por espécies capturas, pois não existe um padrão de quantidade e quilos pescado por semana, uma vez que em um período pode vim mais peixe e outro menos. A produção da retirada do grude está intrinsecamente ligada à demanda de mercado, à quantidade de peixes capturados e comercializados de diferentes espécies e também para o quilo que é retirado do mar, as cinco espécies que têm mais relevância que têm valor importância para o comércio de exportação.

Ao abrir o peixe para que o cliente possa avaliar sua qualidade, Dinho demonstra transparência e confiança em seus produtos. Essa prática contribui para que o mesmo cliente volte outras vezes e o esforço do seu trabalho seja reconhecido.

Observa-se, em pesquisa de campo, que no cenário comercial, os pescadores que vendem no mercado municipal da cidade são, na maioria, os mesmos que realizam a pesca. Poucos são apenas comerciantes independentes. Existe uma relação direta em que o pescador, ao pescar, também atua como comerciante, pois essa atividade constitui seu meio de sobrevivência.

De acordo com Medeiros (2019), quando ele descreve o processo de secagem da pescada amarela existe diferença de espessura entre o macho e a fêmea, e isso influencia no tempo de secagem. Geralmente, a bexiga natatória das fêmeas possui espessura maior, por isso levam mais tempo para finalizar o processo de secagem, normalmente essa diferença é de um dia (Medeiros, 2019, p.26).

Existe todo um contexto que foi construído ao longo do tempo voltado para o manejo da grude. Como o atravessador menciona, ele teve que aprender sobre os cuidados necessários ao longo das práticas externas, com outras pessoas que praticavam pela região a secagem das espécies, existe um cuidado do grude no processo de secagem, pois não pode haver perda.

Figura 20 - Bexiga natatória do peixe Uritinga sobre a tela no processo de secagem



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Nota: 1) Após lavado em água colocado sobre a tela para secagem; 2) bexiga natatória, observa-se algumas bexigas escuras onde pode ser identificado como perda; 3) Tela expostas em frente ao mercado municipal da cidade, ao lado do atravessador.

No ano de 2022, tive meu primeiro contato com o grude, como evidenciado na foto (1), quando me preparava para realizar uma atividade relacionada à empresa à qual eu trabalhava. Ao chegar lá, me deparei com o grude pela primeira vez, sem compreender exatamente do que se tratava. Perguntei a dois trabalhadores o que eles colocaram na tela, retirando de um balde branco, e observei a água escorrendo entre dos dedos ao colocarem as bexigas sobre a tela, o que me deixou intrigada. Iniciei um diálogo para entender do que se tratava, e eles me explicaram que o grude era do peixe, com origem da Uritinga. A partir desse momento, embora sem compreender completamente a finalidade daquilo, essa experiência ficou guardada em minha memória assim como no registro do celular.

Mais tarde, em conversas com pessoas que trabalhavam no trapiche, me convidaram para pescar com eles a partir das 19 horas. Esses momentos me proporcionaram um conhecimento “superficial” sobre a atividade relacionada ao subproduto. Alguns pescadores ficaram surpresos com a familiaridade para manusear a isca no anzol e me perguntaram se eu tinha experiência em pescaria com um dos pescadores (Apêndice V). Respondi que minha avó materna morava em Primavera, e minhas idas e vindas entre Belém e Primavera me permitiram aprender a pescar muito cedo, uma vez que ela fazia questão de ensinar o que era de domínio da história de vida dela.

Essa experiência foi tão significativa que me fez resgatar memórias da minha infância que estavam adormecidas. Jamais imaginei que, em 2023, o grude se tornaria minha inspiração para escrever este trabalho de conclusão de curso. Foi durante um sonho no qual revirava fotos antigas de minhas viagens pela região que surgiram essa inspiração para escrever sobre. Agora percebo que o grude é um tema que merece uma exploração mais detalhada e que existem muitos mistérios a serem explorados.

O depoimento de Raylson Dias, destaca a complexidade do valor da cadeia produtiva do “grude” e aponta para a necessidade de uma análise mais aprofundada desse subproduto da pesca na região. Além disso, a observação de que o “grude” é altamente valorizado, especialmente por aqueles com maior poder econômico da região, ressalta a importância econômica desse recurso pesqueiro. Isso destaca a relevância da pesquisa e a necessidade de entender como a exploração do “grude” pode ser uma grande influência no qual pode ser vista como uma prática cultural, vista que existam essa atividade há muitos anos na região Amazônica.

Figura 21 - Pescador artesanal Raylson dias, com a espécie pescada-amarela



Fonte: Raylson dias, pescador.

Para Ralyson Dias, de 43 anos.

“É bom também saber que a grude ela serve tanto para produzir cola líquida, como também na Ásia ela é muito procurada pela questão de um chá que eles preparam, assim também, como é um saque que eles fazem por lá. E é muito valioso e muito alto o valor e quem procura isso e quem tem mais dinheiro na região (Raylson Dias, 43 anos, pescador).

Todos pescadores que fazem parte desse campo destacam a utilidade múltipla para o "grude", mencionando seu uso na produção de cola líquida e seu valor na Ásia, onde é procurado para a preparação de chá e até mesmo para fazer saquê. No entanto, os mesmo que dizem para que serva, não sabem qual o lucro estimado que se tem, mas no início da atividade voltada para a grude eles não sabia para que servia apenas tiram a bexiga para ganhar um extra, foi com o passar do tempo que um foi passando para o

outro a suas reais finalidades. Como eles mesmo dizem: “são os chineses que inventam essas coisas” “e coisa deles, “eles são espertos”.

Figura 22 - Bexiga natatória da espécie *Tachysurus grandicassis*



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Tabela 2 - Quantidade de dias que ficam ao sol, os fatores climáticos e o que influencia na secagem do subproduto

Tempo	Dias	Período
Verão	1 a 3 dias	Junho a Novembro
Inverno	2 a 5 dias	Dezembro a Maio

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2023

Durante o mês de julho, no verão, conseguir registrar uma situação que ilustra essas perdas, conforme demonstrado na Figura 22. É indispensável a presença do sol nessa etapa, pois ele é um dos fatores de grande relevância antes de ser comercializado para exportação, pois é o sol que determina se o grude está adequado. De acordo com o atravessador do grude, quando é exposto ao sol o grude independentemente se for inverno ou verão é possível identificar as perdas do subproduto, se a grude ficar escura é um indicativo de perda.

Figura 23 - Bexiga natatória sobre a tela, observam-se algumas bexigas escuras que não podem ser comercializadas devido a serem consideradas perdas.



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

É necessário salientar que não há uma especificidade na atividade em relação às espécies no qual são retiradas a bexiga para comercialização, ademais é importante quem manejar no verão tem que ficar mais atento, pois a variação do horário pode interferir e ressecar demais o produto, de acordo com o atravessador e comprador do grude “João”, tem dias que a temperatura pode atingir até 37° a 38° graus é possível ser o suficiente para secar o subproduto. No entanto, pode-se afirmar que existem casos nos quais esse mesmo subproduto resulta em perdas financeiras para o atravessador.

6.4.3 Comercialização e distribuição da Cadeia produtiva

Conforme Cintra et al. (2007), a cadeia produtiva envolve um conjunto de atividades inter-relacionadas, que podem ser separadas e analisadas, incluindo diferentes aspectos de produção e comercialização em um setor produtivo. Num estudo de cadeia produtiva são observadas as questões referentes ao fornecimento de insumos, à disponibilidade de crédito, à manutenção de equipamentos, à produção, ao beneficiamento e à comercialização.

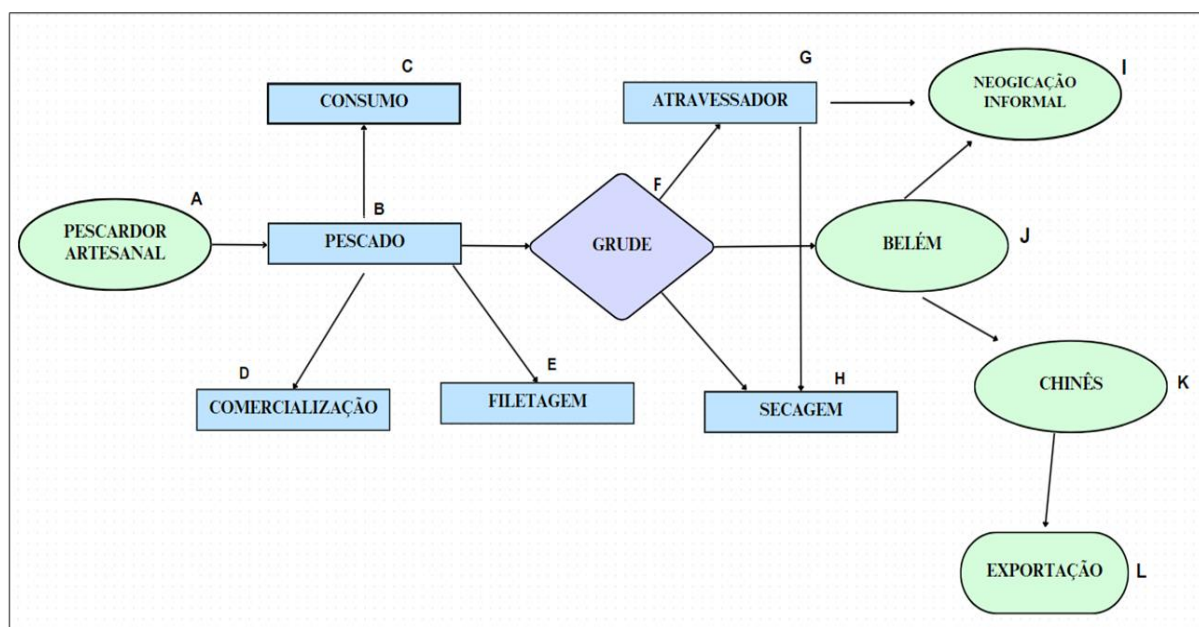
Os atravessadores desempenham um papel intermediário na cadeia produtiva de suprimentos para atender ao Hong Hong, incluindo o grupo de peixe que varia de preço de acordo com as condições dos produtos, assim como qual o tipo de espécie pertence ao subproduto. No entanto, eles também podem enfrentar alguns desafios específicos no comércio desse produto, como variações de oferta e demanda, os atravessadores dependem da disponibilidade do grupo de peixe no mercado local da cidade para atender a demanda do fornecedor do cliente Chinês.

A pesca também tem sido a principal atividade de renda e subsistência de pescadores do litoral paraense (Brito e Vianna, 2011). Uma das características nesse processo é um dos principais atores sociais, isto é, o pescador artesanal, quando se trata do processamento de negociação da matéria prima o atravessador entra no processo negociação, a oferta do grude do peixe que é comercializado na cidade pode ser volátil, dependendo de fatores como a época de pesca, regulamentações de pescas e variações climáticas.

Por exemplo, como a bexiga natatória tem que ser fresca para poder ser feito o processo de secagem, pescadores artesanais e os vendedores de peixe no mercado local da cidade vendem o peixe fresco para os consumidores (clientes), retiram a bexiga e depois vendem para o comprador (atravessador) da cidade, como mostrado na figura 18. Essas flutuações podem dificultar a previsão da disponibilidade do produto, o que pode afetar a capacidade dos atravessadores de atender às demandas dos compradores.

A “grude”, como é conhecida entre a população pirabiense, pescadores e comerciantes do Nordeste Paraense, subproduto da pesca, é provinda de frota de pequeno porte, envolvendo barcos dos mais diversos tamanhos e autonomia marítima, indo de pequena canoa à vela da pesca no estuarino, passando por pequenas canoas a motor utilizadas em viagem diárias, onde o pescador vai e volta na mesma maré, até barcos frigoríficos com capacidade de até 45 toneladas de produção e suporte para até 90 dias em mar aberto. Seu processamento de secagem até a comercialização acontece sem emprego de tecnologia e de forma simples (Santos et. al., 2021).

Figura 24 - Processo da cadeia produtiva de comercialização do grude



Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2023

- A) Pescador Artesanal, sai com o objetivo de pescar para sua garantir o consumo e comercializar; B) Todos os tipos de espécie e pescado e acompanhante, como utilização de técnicas e apetrechos utilizados para captura das espécies de pescado C) Algumas espécies são para consumo da família. D) Os pescadores também são comerciantes, as espécies alvos são retiradas da bexiga natatória. E) A filetagem no ato da venda é responsabilidade do pescador retirar a bexiga do peixe que tem finalidade para a grude. F) Bexiga natatória retirada, para ser negociada com o atravessador “João” ou “Ricardo”. G) Momento em que o pescador, feirante, pescadores artesanais e industriais negociam com o atravessador a grude. H) Secar ao sol é responsabilidade do atravessador, após a negociação com o pescador/comerciante. I) Não há nenhum recibo, contrato e nem formalidade para que possa ser confirmado o ato de negociação. J) Negociação com o Chinês responsável pela exportação da grude é ele quem compra do atravessador. K) Responsável por exportar a Grude do peixe para a China, ele quem finaliza o processo de comercialização do subproduto aqui no Brasil e na Amazônia. L) Após a exportação com a finalidade de fabricação dos produtos.

Após a comercialização do pescado no trapiche e mercado municipal, esses espaços são adaptados para outras finalidades, como a de negociação entre comerciante/pescador e o atravessador da grude na cidade. Conforme Ralyson Dias, de

43 anos, ressalta um aspecto importante das cadeias de produção e comercialização, destacando o papel dos transportadores na movimentação de mercadorias.

“Sim, os atravessadores comercializam, e são vendidos aqui mesmo na nossa região, são os pequenos atravessadores, é esses atravessadores já enviam para os empresários até chegar ao ponto onde elas irão ser industrializadas” (Ralyson Dias, 43 anos)

É importante ressaltar que, no contexto dos atravessadores em São João de Pirabas, foram identificados até dois intermediários antes do subproduto chegar às mãos do Chinês responsável pela exportação. No entanto, apenas o João⁸, experiente em discutir sobre o grude comigo.

Em uma de suas obras, datada de 1981, Lourdes Furtado descreve o processo de exportação e o interesse comercial associado ao subproduto dos recursos pesqueiros no estado do Pará, utilizando o autor José Veríssimo ao descrever sobre a exportação proveniente da grude de gurijuba que era comum na época.

É conveniente acrescentar que as pescarias se realizavam não apenas para o abastecimento alimentar do mercado consumidor regional, o interesse comercial pelo grude de peixe, para a fabricação de colas, principalmente da gurijuba, imprimia direção e valor à fainha pesqueira. E o grude de gurijuba era o que tinha melhores cotações no mercado. No período de 1889 e 1893 o Pará exportou 347.399 Kg de grude de peixe, na maioria, de gurijuba, cujo, valor é assim discriminado por Veríssimo (1970 : 116) no decorrer desse quinquênio:

1889	70: 565\$000
1890.....	82: 079\$451
1891.....	144: 636\$890
1892.....	171: 897\$529
1893.....	160: 714\$006

629:892\$876

Por esse quadro pode-se avaliar o desenvolvimento da atividade pesqueira no domínio fluvial. (Furtado, 1981. p. 17-18)

Conforme destacado até aqui e de acordo com pesquisas realizadas por Lourdes Furtado em 1981, seu artigo revela informações recorrentes sobre o funcionamento do comércio e exportação do grude naquele período, demonstrando que se trata de uma atividade antiga, porém pouco conhecida pela sociedade em geral. Apenas os indivíduos que integram diretamente a cadeia produtiva e os atores relacionados possuem conhecimento como pescadores, atravessadores, moradores que vivem na região, familiares de pescadores e os chineses que são os principais exportadores do subproduto.

De acordo com Santos et al (2021), nas transações presentes na comercialização do grude deve-se atentar que o processo envolve, obrigatoriamente, agentes econômicos, os

⁸ Em comum acordo entre ele e eu, foi estabelecido um nome fictício, sem revelar muitos detalhes.

quais estão reunidos com o propósito venda e a consequente exportação, estas instituídas pelo mercado. Qualquer que seja a mercadoria negociada deve ser avaliado os níveis de mercado no caso da comercialização do grude está interligada a: venda, atravessador e exportador.

Existem inúmeras possibilidades de destinações distintas para o grude, dentre elas está o envolvimento com a crença. Levando-se a possibilidade por ser considerada uma iguaria para os asiáticos, em muitos momentos usa-se até como presente para casamento⁹, assim como as suas finalidades medicinais e crenças diante de um chá. A fala do pescador, Raylson dias, reflete essa percepção sobre os benefícios do chá¹⁰, associados à revitalização e influenciados por crenças culturais asiáticas, que segundo com o passar do tempo eles conseguiram ter conhecimento sobre algumas finalidade da grude:

‘Eles acreditam também que o chá dessa grude, sei lá, questão que quando eles ingerem a porção preparada acreditam que aquilo ali dará uma revitalizada melhor para a sua vida, entendeu! Você sabe como é os Asiáticos tudo eles acreditam em relação às questões medicinais.’(Raylson dias, 43 anos, pescador).

Foi elaborada uma tabela (Tabela 3) com base em dados de pesquisa bibliográficas, em trabalhos existentes e pesquisa de campo com pescadores artesanais. Todos esses documentos citam o destino e os derivados fabricados a partir do grude. Durante uma pesquisa de campo, coletamos informações junto com pescadores, atravessadores e outros atores que compõem a cadeia produtiva. Esses dados fornecem informações sobre as finalidades da bexiga natatória do grude e seus destinos comerciais.

Tabela 3 - Destinação da “Grude” e suas finalidades

Descrição	Finalidade	Fonte
Fabricação de cola Líquida	Engenharia Civil	Ferreira e Carneiro (2022) p. 84
Fixador de Perfumes	Indústrias de cosméticos	Vieira (2019, p.1)
Clarificação de bebidas	Indústria de alimentos e bebidas	Vieira (2019,p.1)
Cinematográficas e fotográficas	Revestimento das películas	Goncalves (2022, p.93)

⁹ É comum em algumas culturas asiáticas o noivo presentear a noiva com o grude do pescado, uma prática difundida a anos por eles (Pescadores de São João de Pirabas, 2023).

¹⁰ Os pescadores afirmam que o chá de grude é considerado afrodisíaco.

Aditivo de argamassas	Construção Civil	Souza (2012,p.51)
Chá	Finalidades Mediciniais	(Raylson dias, pescador artesanal de São João de Pirabas, 2023)

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2023

6.4.3 Espécies, preço e negociação

As cinco espécies Identificadas em campo que são comercializadas para serem utilizadas para a retirada da bexiga natatória para a comercialização da grude no município de São João de Pirabas, os preços são variáveis de acordo cada espécie, assim o preço é divergente caso a bexiga refere a ser macho ou fêmea como é o caso da pescado amarela.

Conforme Lourdes Gonçalves Furtado (1981), ela resgata toda essa contextualização de preços que o autor José Veríssimo relata. Ele menciona a existência de negociações de preços que envolvem o comércio do grude no estado do Pará e no nordeste paraense. Nesse contexto, a vila de marapanim sempre manteve uma forte relação com o mercado do grude.

A intendência municipal da Vila de Marapanim, em 1891 impunha a cobrança de 5 réis por quilograma de peixe seco ou miria: 30 réis por quilograma de grude de Gurijuba a 20 réis por grude de qualquer outro peixe ou espécies: 20 réis de multa por infração de leis, códigos e posturas municipais; 4 mil reais por cada rede de lancear e tarrafa de apanhar peixes nas águas do município [...] (Furtado, 1981, p. 46).

Assim sendo, as informações citadas (Tabela 4), são resultados de pesquisa em campo com os pescadores entrevistados no local de pesquisa. Na tabela 5, mostra a caracterização e valor de cada espécie vendida a quilo para a exportação. É importante frisar os valores do grude atualmente em 2023, como é o caso da espécie *Cynoscion acoupa*, que tem influência direta com o dólar. Até os anos de 2020, 2021 e 2022 e anos anteriores, o grude dessa espécie estava chegando a R\$2.800,00 kg/real. Isso significa que os valores de referência para o grude estão em constante crescimento, influenciados pelo mercado internacional e pela relação entre dólar e o real.

Segundo Coutinho (2002), muitos pescadores até podem não saber a quem e para quem se destina o grude, entretanto, sabem o valor de mercado e sua variação de acordo com dólar para composição de preço, assim como existem padrões de venda necessários criando uma cotação do crude.

Tabela 4 - Espécies comercializadas e com valor atribuído para a comercialização

	Nome das espécies	Valor Aproximado
1	Pescada Amarela (<i>Cynoscion acoupa</i>)	R\$ 3.000,00 kg
2	Corvina (<i>Micropogonias furnieri</i>)	R\$ 630,00 kg
3	Gó (<i>Macrodon ancylodon</i>)	R\$ 250,00 kg
4	Gurijuba (<i>Arius parkeri</i>)	R\$ 200,00 kg
5	Uritinga (<i>Tachysurus grandicassis</i>)	R\$ 80,00 kg

Fonte: Elaborado pelo próprio autor, 2023

De acordo com o relato dos pescadores artesanais, o momento de comemoração ocorre durante a atividade de pesca, quando têm a oportunidade de capturar três pescadas amarelas (*Cynoscion acoupa*) consideravelmente grandes. Isso acontece porque o tamanho desses peixes pode resultar em uma lucratividade em torno de R\$1.000,00 em apenas com o lucro da bexiga natatória desta espécie.

- **Pescada amarela** - *Cynoscion acoupa*: Conhecida como o ouro da Amazônia é uma bexiga natatória com maior valor comercial na cadeia produtiva do grude, chegando atualmente com informações atualizadas com pescadores da cidade de São João de Pirabas, seu valor atual está em R\$3.000, 00 reais o kilo;
- **Gurijuba** - *Arius parkeri*: é uma espécie que segundo o autor veríssimo no ano de 1888, já existem casos sobre a exportação do subproduto para fora do País.
- **Corvina** - *Micropogonias furnieri*: Atualmente ela é considerada a segunda grude mais cara do mercado, com base nas entrevistas com o pescadores é uma das espécies que também tem sua importância para exportação e a sua grude tem um valor comercial;
- **Gó** - *Macrodon ancylodon*: é uma espécie que está sendo comercializada para o mercado recentemente, tanto que um dos entrevistado afirma que esses tempos alguns atravessadores não estão comprando a grude da gó com mais frequência como antes, devido o seu baixo preço em relação a outras espécies;
- **Uritinga** - *Tachysurus grandicassis*: é uma das espécies mais comuns na região, tanto que ao longo deste trabalho citei alguns momentos, pois foi as que eu mais me deparei em campo, embora seu valor seja menor em relação às outras demais, ela faz parte do mercado;

Com base nesses dados, podemos dizer que os preços eles mudaram ao longo do

tempo, e o dólar sempre está diretamente ligado a essa alteração de preço, como antes a pescada amarela chegou a valer R\$ 2.500,00, depois R\$ 2.800,00 e esse ano de 2023 o seu valor atual está em R\$ 3.000,00 quilo. Existem Bexigas natatória de algumas espécies que não valem nenhum centavo, enquanto outras são negociadas a preços exorbitantes, como é o caso da pescada amarela.

De acordo com Lourdes Furtado, o autor Veríssimo (1970: 120-121) menciona alguns municípios em relação à comercialização do subproduto, destacando que o grude pode ser considerado uma atividade muito mais antiga do que geralmente se imagina.

[...] Com base no ano de 1894. Neste ano, o conselho municipal de Chaves, (ilha do marajó), impunha de 20 réis por quilograma de grude de peixe; 40 réis por quilograma de peixe salgado; 5 mil reais por tarrafa empregada na pesca de “mariscos” nas praias e igarapés no município, [...]. Em Portel, 25 por quilograma de grude exportado; 2 mil réis por cacuri ou curral de apanhar peixe. [...]. (Lourdes, 1981, p. 46).

O texto apresenta informações históricas relevantes sobre as práticas comerciais relacionadas ao grude de municípios como Chaves e Peixe Portel, na Ilha do Marajó, no ano de 1894. Essas informações destacam as taxas e impostos pelo conselho municipal, refletindo as condições e regulamentações da época, mas que não existia e até hoje não existe uma lei específica para o mercado da grude. Nesse trecho revela a complexidade econômica e social das atividades ligadas à pesca e ao comércio de subprodutos na região. As taxas impostas indicam a existência de uma estrutura regulatória para essa indústria específica na época, buscando controlar e tributar a produção e exportação do peixe grosso, mas que não voltada para a grude, mas como fazia parte desse cenário diretamente já sofria taxações mesmo que fosse irregular tal punição para o subproduto.

Atualmente no Estado do Pará, há existência de imposto tributário regularizado referente a grude que foi aplicado pela Sefa. De acordo com os dados, a redação do item foi dada pela Portaria SEFA/GS Nº 789 DE 25/10/2023 - IV-35 para o Grude de Gurijuba, com os seguintes valores: R\$ 50,00 por quilo para preço interno e R\$ 70,00 por quilo para preço interestadual, conforme previsto na Portaria SEFA nº 48 de 05/07/2008. As taxas para outras espécies são as seguintes: IV-36, para Grude de outros peixes: R\$30,00 por quilo para preço interno e R\$45,00 por quilo para preço interestadual. IV-37, para Grude de pescada: Valor intermunicipal de R\$60,00 por quilo e valores interestaduais da pescada de R\$80,00 por quilo (Sefa, 2023).

A grude que se encontra com a mais abundante na região paraense é a da gó, seguido da corvina, porque são os peixes, segundo ICMBIO (2019), os que se apresentam em abundância na costa paraense. Além de possuírem o período de reprodução mais rápida que a própria pescada amarela (Santos et.al., 2021).

“Um dos maiores peixes procurados na nossa região é a pescada-amarela, não só na nossa região como no Brasil todo. A grude desse pescado é muito valiosa, sim! Se a grude do pescado for macho é mais caro que a grude do pescado fêmea, que eles dizem é o ouro marítimo, por exemplo, pegou 5 pescada-amarela e o bater a boa, é um peixe muito cobiçado e procurado na nossa região do salgado.” (Raylson Dias, 43 anos).

Conforme Almeida (2019), os subprodutos gerados em alguns sistemas de produção, como as bexigas natatória de pescada e gurijuba, em sua totalidade são expostas por altos valores, agregando rendimento à cadeia produtiva dos sistemas, e essa renda não é usufruída pelos pescadores, pois a renda comercialização desses subprodutos, na maioria das vezes ficam limitadas aos donos das embarcações, que por sua vez por falta de processamento, também usufruem de uma pequena parcela deste lucro, ficando por mais uma vez, a maior parcela da renda nas mãos dos sucessivos.

Em 1985 o autor José Veríssimo, já escrevia sobre a existência da atividade da pesca associada à comercialização do grude no estado do Pará, tanto que ele explana qual seria a sua finalidade e qual espécie era destinada para retirada da bexiga natatória.

A gurijuba, semelhante a um grande bagre, de pele amarelada, cresce até 1m a 1,20. Fornece não só a carne para a alimentação das populações daquela orla marítima, e sub-marítima até da cidade do Pará, onde encontra igualmente grande consumo, como, principalmente o grude, ou cola, de exportação considerável e vantajosa. A época da sua pesca é o verão amazônico, na última quadra do ano, e a força da pesca, conforme o frasear dos pescadores, nos meses de Setembro e Outubro. (Veríssimo, 1985, p. 88- 89).

É importante considerar que uma análise citada pelo autor José Veríssimo, publicado em 1985, ele indicar uma abordagem mais centrada em aspectos econômicos e importantes descrita para a época, enfatizando a importância econômica da gurijuba, destacando não apenas o valor como alimento, mas também o benefício econômico gerado pela exportação do grude desta espécie. Além disso, a descrição da época da pesca, associada ao verão amazônico e aos meses de setembro e outubro, pelo cuidado sazonal na exploração desse recurso.

6.4.4 Negociação e o atravessador

O que foi observado durante as entrevistas com todos que compõem a cadeia produtiva que não há uma negociação formal na região, contrato ou recibo entre o atravessador, pescador e o Chinês que é responsável pela exportação. Quem determina o preço que vai ser dado pela quantidade de grude não é quem vende, mas sim quem comprar, que neste caso é o atravessador, embora o preço seja tabelado na cidade, quem determina é o atravessador, pois será analisado o tamanho e as condições da bexiga natatória do peixe e a variação do mercado do dólar. A confiabilidade entre pescador e atravessador é firmada através da palavra, assim como ter uma relação de afinidade por pertencerem à mesma cidade e terem práticas voltadas para a pesca e uma segurança de manter sigilo na negociação.

Quando em pensamos nessa possibilidade de negociação fora do estado, em termos de negociação que não sejam diretamente transportada por barcos como é alguns caso, a situações como Santos et. al. em 2021, afirma que existem a possibilidade de negociação para outro estado como é o caso do estado de São Paulo:

De acordo com Santos et. al. (2021), há a venda da empresa já para Belém e para São Paulo, onde se executa todo o processo de exportação. Nota-se que a mercadoria é despachada dos municípios pesquisados para Belém, são todas filiais de empresas de São Paulo, sendo feita neste município uma avaliação pela Secretaria de Pesca e Aquicultura, e logo após a vistoria, a mercadoria é autorizada para prosseguir viagem ao destino. Em São Paulo, com a mercadoria se faz a exportação para o comércio exterior, por exemplo, como foi respondido nos questionários um dos continentes asiáticos, que recebem o produto é Hong Kong.

Conforme pode-se perceber a possibilidade do transporte do grude também por embarcações e navios de grande porte para o exterior. Existem relatos de buscas e apreensões referentes a toneladas sendo exportadas através de navios sem nota fiscal com destino à China, conforme noticiado em diversos veículos de comunicação. Todas essas negociações não são visibilizadas pela sociedade, uma vez que são conduzidas de maneira muito sigilosa, evitando que cheguem aos ouvidos dos órgãos reguladores ou dos famosos "cagoetas", que são responsáveis pelas denúncias. Essas atividades clandestinas poderiam prejudicar diretamente aqueles que trabalham nessa atividade, a qual ainda não se tornou legalizada.

É importante ressaltar que, ao conversarmos sobre o assunto, um dos atravessadores do grupo deixou em evidência seus anseios. Ele expressou seu maior medo, que é ser preso e multado pela fiscalização, bem como ser punido pela vigilância sanitária, pensando na possibilidade de medos futuros. Em consequência disso, por se tratar de uma pesquisa exploratória, os pescadores, comerciantes e, principalmente, um dos compradores do grude da cidade que chamo pelo nome fictício João, esclarece que nem todas as minhas dúvidas da pesquisa seriam atendidas. Com isso, tudo dentro do limite, para que pudéssemos construir um diálogo construtivo sobre o assunto respeitei a sua decisão. Irei fazer uma breve descrição como aconteceu esse diálogo, um pouco balanceado, mas que ocorreu tudo bem:

Eu, ansiosa e determinada, me aproximei do João que conheci no ano anterior da pesquisa, em 2022. Ele me reconheceu imediatamente.

- "Oi, Barbara, eu lembro de ti. Ano passado veio aqui, tu tava até pescando no trapiche com os meninos", disse ele, com um sorriso.
- Barbara olhou para seu caderno de anotações, visivelmente ansiosa, e respondeu: "Deixa eu ver esse teu papel aqui, humm. Tu tem certeza que tu quer que eu fale sobre isso?"
- Com um tom sério e hesitante, eu expliquei: "Sim, eu sou estudante da UFPA e estou com uma pesquisa para o TCC. Como a gente já se conhece, tu vai me ajudar para que eu possa escrever sobre o TCC, se for possível."
- João, coçando a cabeça e olhando ao redor, ponderou por um momento antes de responder: "Olha, vou ser bem sincero pra ti, isso aqui não tem como eu te ajudar, porque ano passado foram presos 5 pescadores por causa desse pessoal aí do Ibama. Eu não tenho dinheiro pra pagar essas multas e nem quero ser prejudicado. Eu sei que essa não é a tua intenção, mas eu não posso responder tudo seu eu ficar em silêncio, e porque eu não vou te dizer nada, mas se eu tiver que responder, é aquilo e pronto. Me desculpa! Eu queria te ajudar, mas de alguma forma tu vai publicar isso e um dia a vigilância sanitária vai bater aqui atrás de mim. E outra, olhe lá o que tu vai escrever, eu vou te ajudar, mas nem tudo posso te responder, tá certa!".

Dados oficiais do Brasil não listam as exportações de bexiga natatória por espécie. Não há sequer um código específico para a bexiga natatória nos dados de exportação - ela aparece junto a cabeças e caudas de peixe. No entanto, especialistas explicam que esse código corresponde quase inteiramente à bexiga natatória, pois cabeças e caudas de peixe têm pouco valor comercial. Embora, os dados embora os dados brasileiros não sejam 100% precisos, eles dão ideia do tamanho do mercado - o que pode ser comprovado ao compará-los com os dados de importação de Hong Kong (Hui e Reed, 2022).

Refletindo sobre a conversa com o atravessador, ele compartilhou seus anseios e medo em relação ao que ele considera um mercado ‘negro’ e ainda ‘desconhecido’ por órgãos federais e estaduais. No entanto, vale ressaltar que essa mesma atividade já existe há mais de uma década na cidade de Pirabas.

Uma única ação já foi apreendida, sem nota fiscal, na BR - 210 cerca de uma tonelada de grude de peixe. A agência de Pesca do Amapá, por exemplo, informa que esse tipo de atividade acontece informalmente, não possui valor agregado e não há licenciamento para esse tipo de comércio, passando despercebido pelas autoridades do governo. Muitas vezes os peixes que são apreendidos estão em período de defeso (piracema), que ocorre quando migram em busca de alimentos e condições adequadas para reprodução (Silva, 2016).

As histórias e acontecimentos relatados pelos pescadores, atravessadores e comerciantes, que são atores sociais fundamentais na cadeia produtiva do subproduto, destacam a preocupação em compartilhar informações sobre o grupo com pessoas externas. Esses relatos indicam a existência de roubos relacionados às bexigas, alertando para a necessidade de descrição. Além disso, enfatizamos a importância da escolta durante o transporte do subproduto, uma vez que assaltos acontecem frequentemente e a presença indevida de “piratas” envolvidos nessa atividade criminosa e “sequestro” contra da “grude”.

Vale lembrar também, que existe a possibilidade de embarcações como sofrerem ataques de piratas em alto mar, eles fazem os pescadores reféns enquanto os outros demais pegam apenas a grude e vão embora. Esse é um dos motivos pelo qual o atravessador tem medo de dar informação, a primeira e a fiscalização de órgãos ambientais como o IBAMA e vigilância sanitária, medo que tenha qualquer tipo de tentativa de assalto relacionado ao subproduto da grude.

O relato de roubos relacionados às bexigas evidencia uma preocupação real com a segurança e a necessidade de precaução. A menção à escolta durante o transporte do subproduto ressalta os riscos associados a essa fase da cadeia produtiva. A presença indevida de “piratas” envolvidos em atividades criminosas, como assaltos e sequestros, acrescenta uma camada adicional de complexidade e insegurança ocorrências que são comum na Amazônia,

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a pesca artesanal desempenha um papel vital na economia da região, agregando valor e fortalecendo aos modos de vida da valorização cultural da atividade pesqueira. Esta atividade representa não apenas uma fonte de renda, mas também mantém tradições ancestrais vivas, transmitindo conhecimentos de geração em geração, assim como as práticas de sustentabilidade para a conservação dos recursos pesqueiros na região.

A partir das informações apresentadas, conclui-se que o pescador profissional na pesca artesanal é caracterizado por exercer sua atividade de forma autônoma, compartilhando ou como proprietário dos barcos, redes e outros apetrechos. A formalidade evidencia desafios e instabilidades da relação entre a pesca artesanal e as políticas de trabalho formais. Em suma, a pesquisa destaca não apenas a importância da pesca artesanal na região, mas também as complexidades sociais e econômicas que permeiam a vida dos pescadores, exigindo uma compreensão cuidadosa para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes e sustentáveis para essas comunidades. A atividade associadas ao beneficiamento/ comercialização do grude é uma estratégia de agregar à atividade e precisa ser avaliada com profundidade, considerando os parâmetros de sustentabilidade

As ameaças externas, como a pesca predatória e as mudanças ambientais, foram identificadas como desafios significativos que afetam a sustentabilidade da atividade pesqueira, essa disputa entre pescadores artesanais e industriais por mercado, em alguns momentos, torna-se um grande problema. Além disso, a falta de regulamentação adequada e a competição por recursos limitados tornam-se inimigos da pesca responsável e sustentável. Esses são aspectos a serem abordados em pesquisas futuras.

O destaque é a importância da pesca artesanal na subsistência das comunidades locais, destacando o papel fundamental que desempenha na vida econômica, social e cultural dos pescadores artesanais. Além disso, a comercialização do "grude", um subproduto da pesca, emergiu como uma atividade de grande valor comercial, intrinsecamente ligada à pesca. O "grude", derivado da bexiga natatória do peixe, tornou-se um produto de destaque na exportação, impulsionando ainda mais a economia local.

A cadeia produtiva da pesca artesanal envolve não apenas os pescadores, mas também empresas de pesca industrial fora do estado. No entanto, observamos que o segmento da pesca artesanal é o que mais absorve mão de obra na cadeia, contribuindo significativamente para o abastecimento alimentar das famílias com a complementação de renda e para a comercialização de diversas espécies de peixes. Assim como

conseguimos compreender que ao longo do tempo o grude também é um tipo de atividade pesqueira que está associado ao objetivo dos pescadores como forma de subsistência utilizando os recursos pesqueiros para atender a demanda de exportação da cultura chinesa.

Destacamos também, a forma como funciona a cadeia produtiva descrevendo não apenas sua importância econômica, mas também as dinâmicas complexas que envolvem a cadeia produtiva associada a ela. Identificamos os diversos atores sociais envolvidos, desde os pescadores artesanais até os atravessadores, e compreendemos os principais elementos e problemas enfrentados por seus grupos.

Ficou evidente que a pesca não é apenas uma fonte de renda, mas também um elemento fundamental para a subsistência de muitos envolvidos nessa atividade. No entanto, a fiscalização por parte dos órgãos reguladores tornou-se uma ameaça para esses atravessadores, uma vez que tanto os pescadores artesanais como os industriais e fornecem o pescado para eles atravessam, assim como são dependentes da pesca para garantir o seu sustento e manter as suas atividades econômicas.

Diante disso, concluímos que uma gestão eficaz da pesca é fundamental para garantir a subsistência dos envolvidos e a preservação dos recursos marinhos e dos estoques pesqueiros. Portanto, é imperativo que sejam inovadores políticas e práticas que promovam a pesca sustentável e a cooperação entre os diversos atores da cadeia produtiva, a fim de enfrentar os desafios e ameaças que se apresentam. Só assim será possível garantir um futuro viável para a atividade da pesca e para aqueles que dela dependem. Como uma regulamentação de lei para auxiliar nessa nova perspectiva do comércio do subproduto da grude na região, para garantir tais espécies para manter os que dependem dela. Essa perspectiva ressalta a importância da gestão sustentável da pesca para garantir a continuidade das atividades pesqueiras no longo prazo, equilibrando a exploração dos recursos com a conservação das espécies e ecossistemas marinhos.

Diante dos desafios de segurança e complexidades enfrentados na cadeia produtiva do subproduto de pesca, sugere-se a implementação de uma abordagem integrada que envolve medidas de segurança, em colaboração com os pescadores e o apoio governamental. Reforça a preocupação da presença de órgãos de segurança, como policiamento marítimo, nas áreas vulneráveis à ação de “piratas” e criminosos.

Estabelecer diálogos entre as comunidades pesqueiras e os órgãos ambientais, como o IBAMA, para encontrar soluções que conciliam práticas tradicionais de pesca e regulamentações ambientais. Existe todo um mercado que precisa ser conhecido para que

evite prejuízos, principalmente, para os pescadores artesanais, que por muitos momentos são os mais afetados quando o assunto é atividade da pesca.

A pesquisa para este trabalho de conclusão de curso representou uma aprendizagem profundamente significativa. Iniciada por acaso em 2022, ela se transformou em uma grande paixão. A interação com esses pescadores não apenas fortaleceu a conexão com o objetivo de estudo, mas também revelou uma compreensão mais ampla de que a pesca transcende uma atividade antiga de nossos antepassados. Durante o trabalho de campo, percebi que a pesca não é apenas uma parte da cultura e da história desses pescadores, mas também carrega um significado mais profundo em relação ao seu papel como pescadores com a mãe natureza. De certa forma, eles conseguiram me sensibilizar com cada depoimento, fazendo com que eu me identificasse plenamente com suas histórias. Esse processo de pesquisa não apenas contribuiu para meu trabalho acadêmico, mas também enriqueceu minha compreensão da importância da pesca na vida desses indivíduos.

O curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural trouxe significados profundos, sensibilizando-me ainda mais em relação aos povos e comunidades tradicionais. A cada momento, surgiam lembranças da minha própria trajetória familiar. Por vezes, questionava a ausência de uma disciplina exclusiva para tratar da pesca, mas ao compreender a dinâmica da grade curricular, percebia a necessidade de uma exploração mais aprofundada sobre a pesca como parte integrante do curso. Embora este trabalho não tenha conseguido aprofundar tanto o quanto gostaria sobre o tema da pesca, reconheço que há muito conhecimento a ser explorado por mim como profissional. Admito que as leituras acadêmicas não serão suficientes para suprir essa necessidade de compreender a cerca da pesca, porém reconheço a importância delas.

Acredito que o contato direto com os pescadores é fundamental, pois considerar que eles representam uma biblioteca completa de história e conhecimento tradicional, eles conseguiram me ensinar as diferenças de currais, tamanhos de rede e alguns métodos que preciso aprender com eles que eu desconhecia, o povo de pirabas abriu meu olhar sobre o assunto e a minha curiosidade sobre o saber pesqueiro, enquanto agente de Desenvolvimento Rural, reconheço que um dia enquanto profissional que me tornarei, penso na cautela que terei quando o assunto for a pesca. Os pescadores são verdadeiros poetas de suas próprias histórias, e é por meio dessa interação que espero enriquecer minha compreensão e aprofundar mais o conhecimento sobre a pesca e suas nuances. Os

pescadores têm muito mais a nos ensinar do que o contrário, são os verdadeiros mestres da pesca.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, de Ribeiro Jesus Neila. Alternativas de manejo pesqueiro no lago da usina hidrelétrica de Tucuruí/ PA. **Revista Amazônia**, v. VII, n, 2019.

ARAÚJO, ALZIRA ALMEIDA DE. SABERES CULTURAIS DA PESCA ARTESANAL NA AMAZÔNIA RIBEIRINHA DE VIGIA DE NAZARÉ/PA. Dissertação de mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará, 2019, p.108.

ARTES DE PESCA ARTESANAL - link de acesso: <https://www.icmbio.gov.br/cepsul/artes-de-pesca.html> acessando em: 20 de maio de 2023.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Tiago perereira; Costa, de Oliveira Carolina Léa. A pesca em comunidades rurais do nordeste paraense – Amazônia – Brasil. In: SEMANA DE INTEGRAÇÃO, CIÊNCIA, ARTE E TECNOLOGIA DO IFPA - CAMPUS CASTANHAL, 4., 2014, Castanhal. Resumos... Castanhal: [S.I.], 2014. Versão eletrônica.

CHAPTAL, J. **CHEMISTRY APPLIED TO ARTS AND MANUFACTURES** V. 2. 4 V. TRANSLATION OF LA CHIMIE APPLIQUÉE AUX ARTS. LONDRES: T. Gillet.

CINTRA, I. H. A. A cadeia produtiva da pesca artesanal na área de influência da usina hidrelétrica de Tucuruí, Estado do Pará, Brasil. **Boletim Técnico Científico do Cepnor** Centro de Pesquisa e Gestão Pesqueira e dos Recursos Naturais Renováveis do Litoral Norte, Belém, v. 7, n. 1, p. 97-144, 2007.

Corrêa, da Silva Cristina Ellen; Silva Rocha da Luiz - NARRATIVAS AMBIENTALISTAS DE PESCADORES ARTESANAIS DE SÃO JOÃO DE PIRABAS: UMA METODOLOGIA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, Acesso: <https://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=3703>

COUTINHO, L. **GARIMPEIROS DE ALTO MAR: PESCADORES E ARRISCAM PARA BUSCAR O VALIOSO GRUDE, MAS NEM SABEM PARA QUE SERVE.** REVISTA VEJA, SÃO PAULO: N 225, P. 57-57, FEV. 2002.

DA SILVA PINHEIRO, MARIA LINDUÍNA *et al.* Cadeia produtiva do pescado no estado do Pará: estudo do segmento de distribuição em um empreendimento de captura. Revista em Agronegócio e Meio Ambiente, v. 7, n. 2, 2014.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. Povos e Mares: Leituras em Sócio-Antropologia Marítima. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

DIEGUES, Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar. São Paulo: Editora Ática, 1983.

FARIAS, J.B.Q **Pesca com armadilhas fixas (currais de pesca) em um estuário no litoral Amazônico Brasileiro**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Engenharia da Pesca) - Universidade Federal do Pará, Bragança, 2018.

Feltes, Maria M. C. Correia, João F. G., Beirão, Luiz H., Block, Jane M. Block, Ninow, Jorge L. & Spiller, Valéria R. (2010). **Alternativas para a agregação de valor aos resíduos da industrialização de peixe Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental** v.14, n.6, p.669 -- 677, 2010.

Ferreira, Rocha Vanessa; Carneiro, Vieira Costa Creice – **A EXPLORAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL DO MERCADO DO GRUDE DO PEIXE NA CIDADE DE VIGIA NO ESTADO DO PARÁ** – Revista do Direito do Trabalho e Meio ambiente do trabalho. Encontro Virtual v.8 P. 83, 2022.

FURTADO, L.G. 1988. *Pescadores do rio Amazonas*. São Paulo, Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, 905 p. tese doutorado.

FURTADO, L.G.; MELLO, A.F. & LEITÃO, W. (orgs). Povos das águas: realidade e perspectivas na Amazônia. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p.243-276.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Pesca artesanal: em delineamento de sua história no Pará. Boletim do Museu Paraense Emily Goeldi. Nova série Antropologia, Belém, n. 79, p. 1-17-18-24- 46- 50, abr. 1981.

GONÇALVES, A,L, 2022. GRUDE DE PEIXE – VOCÊ SABE O QUE É? - Oceanógrafo (FURG - 1993), Mestre em engenharia de alimentos (FURG- 1998). Disponível em: <https://www.aquaculturebrasil.com/coluna/244/grude-de-peixe-%E2%80%93-voce-sabe-o-que-e> Acesso: em 22 de Junho de 2023.

História -São João de Pirabas Pará - PA Link: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-joao-de-pirabas/historico> - Acessado em: 07 Julho de 2023.

HUI, Lulu Ning; REED, Sarita. Grude movimenta mercado milionário no Brasil e leva chineses à Amazônia.

IBAMA - Operação do Ibama apreende toneladas de barbatanas de tubarão com origem irregular. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/assuntos/noticias/2023/operacao-do-ibama-apreende-28-7-toneladas-de-barbatanas-de-tubarao-com-origem-irregular> Acessado em: 01 de maio de 2023.

IBAMA, INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 16, DE 29 DE SETEMBRO DE 2015. Acesso:

<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=135858>

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados do Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=15>. Acesso em 16 de setembro de 2023

ICMBIO, Rede de pesca artesanal. Disponível em <https://www.icmbio.gov.br/cepsul/artes-de-pesca.html>

INSTITUTO ÁGUA E SANEAMENTO - São João de Pirabas. Disponível em: <https://www.aguaesaneamento.org.br/municipios-e-saneamento/pa/sao-joao-de-pirabas#:~:text=S%C3%A3o%20Jo%C3%A3o%20de%20Pirabas%20C%C3%A9,%2C21%25%20em%20C%C3%A9ria%20rural.>

LEI Nº 10.639 DE 09 DE JANEIRO DE 2023. Acesso: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=10639&ano=2003&ato=431MTTq10dRpWTbf4>

MARCHESINI, R. & CRUZ, R.A. 2014. Turismo de base comunitária em estuário e manguezal: uma alternativa para o pescador artesanal. Rev. Bras. Ecotu., 6(5): 896-909

MEDEIROS, Adriano Silva. Caracterização do processamento e do comércio de “grude” da pescada-amarela cynoscion acoupa (Iacépede, 1801) do município de Apicum-açu, no estado do Maranhão. Orientador: Rosália Furtado Cutrim Souza. 2019. 40 f Trabalho de conclusão de curso (Graduação em engenharia da pesca) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Campus Belém, PA, 2019.

Medeiros, C.A. (2006) - As Pescas. In: C.A. Medeiros (dir.e coord.), Geografia de Portugal, vol. III: Actividades Económicas e Espaço Geográfico, pp. 154-171, Círculo de Leitores, Rio de Mouro, Portugal. ISBN: 978- 9724236575.

O guia WWF para o consumo do pescado - Esturjão – Acesso: 24 de Novembro de 2023: Disponível em: <https://guiapescado.wwf.pt/species/esturjao/>

Nascimento et. al - TÉCNICAS E SABERES IMBRICADOS NA ARTE DA PESCA DE CURRAL EM UMA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DA AMAZÔNIA.

Portaria SEFA Nº 354 DE 14/12/2005 - NOTAS: **Na ausência de preço de produtos de mesma natureza dos indicados nos itens III-1.3 e III-1.4** deverá ser aplicado, conforme o caso, os valores indicados nos referidos itens. (Nota acrescentada pela Portaria SEFA Nº 158 DE 2012). Acesso 24 de Novembro de 2023: Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=147358>

Rodrigues, Renato Pinheiro. ORDENAMENTO DE CURRAIS-DE-PESCA NO LITORAL BRASILEIRO: POSSIBILIDADE OU UTOPIA?. Orientador: Marcos Ferreira Brabo, 2022. Trabalho de conclusão de curso (engenharia de Pesca) - Universidade Federal do Pará, Campus Bragança, PA, 2022.

SACCO DOS ANJOS, F.; NIEDERLE, P. A.; SCHUBERT, M. N.; SCHNEIDER, E. P.; GRISA, C.; CALDAS, N. V. Pesca artesanal e pluriatividade: o caso da colônia Z3 em Pelotas, RS. Anais do II Seminário Internacional, 2004.

SALINÓPOLIS (PA). Prefeitura. Disponível em: <https://salinopolis.pa.gov.br/omunicipio/historia/>. Acesso em: 16 out. 2023.

SANTOS, M. A. S. A cadeia produtiva da pesca artesanal no Estado do Pará: Estudo de caso no nordeste paraense. Amazônia: Ciência & Desenvolvimento, v. 2, n. 4, p. 58-81, 2005.

SANTOS, Marcos Antônio Souza dos. A Cadeia produtiva da pesca artesanal no Estado do Pará: estudo de caso no Nordeste Paraense, 2005. Acesso em: 05 de maio de 2023. Disponível em: <http://repositorio.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/764>.

Souza, Manuella Araújo de. Adição do grude da gurijuba nas argamassas de cal: investigação histórica e científica, 2012. Dissertação de mestrado da faculdade de arquitetura e urbanismo e programa de pós-graduação na área de Conservação e Restauro na Universidade Federal da Bahia (UFBA), p.56 - 2012.

VERÍSSIMO, J. A PESCA NA AMAZÔNIA. RIO DE JANEIRO: TYPOGRAPHIA CONFIANÇA, 1895.

VERÍSSIMO, José. **A Pesca na Amazônia**. Belém: Ed. da Universidade Federal do Pará, 1970.

VIEIRA, Sérgio. **A cobiça pela Amazônia continua**, 2019 - Publicado em: 20 dezembro de 2019 Acesso: em 15 de março de 2023. Disponível em: <https://jornaldr1.com.br/2019/12/a-cobica-pela-amazonia-continua.html>.

APÊNDICES

APÊNDICE I



Universidade Federal do Pará
 Instituto Amazônico de Agriculturas familiares - INEAF
 Bacharelado em Desenvolvimento Rural - UFPA

LEVANTAMENTO DE PESQUISA EM SÃO JOÃO DE PIRABAS - PARÁ

Discente: Barbara Marques de Souza -
 Data da visita: / / 2023

NOME POPULAR	LOCAL DO PESCADO	EQUIPAMENTO	VENDA E CONSUMO
1.			
2.			
3.			
4.			
5.			
6.			
7.			
8.			
10.			
12.			
13.			
14.			
15.			

- Qual equipamento eles utilizam para pesca ? _____
 → _____
 → _____
 → _____

OBS: _____

APÊNDICE II

PERGUNTAS	PEIXE 1	PEIXE 2	PEIXE 2	PEIXE 3
ONDE VEIO ?				
NOME				
Onde foi pescado (rio, lago, viveiro)				
Equipamento de malharia ?				

- Quantidade de embarcações _____

- Data: / /2023 Horário:

- Quais os dias de feira ? _____

Canais de comercialização

ATRAVESSADOR: SIM NÃO

A) QUAL A RELAÇÃO DO ATRAVESSADOR ? _____

B) Qual a porcentagem

● **CUSTO DE COMERCIALIZAÇÃO:**

A) Perdas de produtos: _____

APÊNDICE III



Universidade Federal do Pará
 Faculdade de Desenvolvimento Rural
 Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares

Grude de peixe

Local da entrevista: _____ Data: / / 2023

Pesquisador: Barbara Marques de Souza

Entrevistador: _____

1. AS ESPÉCIES MAIS COMERCIALIZADAS PARA O GRUDE DE PEIXE

<i>Quais são as espécies retiradas do grude ?</i>	<i>preço / kg</i>
01.	
02.	
03.	
04.	
05.	

1. Quanto tempo dura no sol ? _____
2. Depois que seca vai para onde ? _____
3. Vocês fazem essa atividade ? _____
4. Quantas pessoas exercem essa atividades _____
5. Porque vocês acham importante fazer esse tipo de trabalho ? _____
6. Vocês compram ? Qual o valor ? _____
7. Qual o valor que vocês vendem ? _____
8. Para quem vocês vendem ? _____
9. Para onde vai depois que seca ? _____

APÊNDICE IV



Universidade Federal do Pará
 Instituto Amazônico de agriculturas familiares
 Bacharelado em Desenvolvimento Rural

Local da entrevista: _____ Data: / / 2023

Entrevistador: _____

Formulário de pesquisa de entrevistados - Pescador 1

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

• Quanto a renda mensal com a pesca? _____

• Seguro defeso: _____

Valor R\$:

Período do defeso:

• Bolsa Família: _____

Valor R\$:

• Outras rendas : _____

Valor R\$:

Entrevistado - Pescador 2

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

- Quanto a renda mensal com a pesca ? _____
- Seguro de feso: _____
Valor R\$:
- Período do defeso:
- Bolsa Família: _____
Valor R\$:
- Outras rendas : _____
Valor R\$:

Entrevistado - Pescador 3

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

- Quanto a renda mensal com a pesca ? _____
- Seguro de feso: _____
Valor R\$:
- Período do defeso:
- Bolsa Família: _____
Valor R\$:
- Outras rendas : _____
Valor R\$:

Entrevistado - Pescador 4

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

• Quanto a renda mensal com a pesca ? _____

• Seguro de feso: _____

Valor R\$:

Período do defeso:

• Bolsa Família: _____

Valor R\$:

• Outras rendas : _____

Valor R\$:.....

Entrevistado - Pescador 5

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

• Quanto a renda mensal com a pesca ? _____

• Seguro de feso: _____

Valor R\$:

Período do defeso:

- Bolsa Família: _____

Valor R\$:

- Outras rendas : _____

Valor R\$:.....

Entrevistado - Pescador 6

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

- Quanto a renda mensal com a pesca ? _____

- Seguro defeso: _____

Valor R\$:

Período do defeso:

- Bolsa Família: _____

Valor R\$:

- Outras rendas : _____

Valor R\$:

Entrevistado - Pescador 7

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

- Quanto a renda mensal com a pesca ? _____
- Seguro de feso: _____
Valor R\$:
- Período do defeso:
- Bolsa Família: _____
Valor R\$:
- Outras rendas : _____
Valor R\$:

Entrevistado - Pescador 8

Nome: _____ Idade _____
 Apelido: _____ Escolaridade: _____
 Cidade/ Município: _____ Estado _____
 Estado Civil: _____
 Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____
 Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

- Quanto a renda mensal com a pesca ? _____
- Seguro de feso: _____
Valor R\$:
- Período do defeso:
- Bolsa Família: _____
Valor R\$:
- Outras rendas : _____
Valor R\$:

Entrevistado - Pescador 9

Nome: _____ Idade _____
 Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

- Quanto a renda mensal com a pesca ? _____
- Seguro de feso: _____
Valor R\$:
- Período do defeso:
- Bolsa Família: _____
Valor R\$:
- Outras rendas : _____
Valor R\$:

Entrevistado - Pescador 10

Nome: _____ Idade _____

Apelido: _____ Escolaridade: _____

Cidade/ Município: _____ Estado _____

Estado Civil: _____

Quanto tempo é pescador ? _____ Filha: _____ Filho: _____

Qual a sua função do Barco ? _____

Renda além da comercialização do pescado - (Benefícios sociais, seguro de pesca etc.)

- Quanto a renda mensal com a pesca ? _____
- Seguro de feso: _____
Valor R\$:
- Período do defeso:
- Bolsa Família: _____
Valor R\$:
- Outras rendas : _____
Valor R\$:

APÊNDICE V



Nota: Trapiche, local de pesca, embarque e desembarque de barcos.

APÊNDICE VI



No dia 22 de setembro de 2022, fiz esse registro com o pescador Felipe, foi meu primeiro contato com os pescadores da região.